



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA**

JOSIVALDO JORGE GONÇALVES DA SILVA

***OTTO LARA RESENDE OU BONITINHA, MAS ORDINÁRIA (2012): SOB A
PERSPECTIVA RODRIGUIANA DO DESVELAMENTO DA ALMA HUMANA***

**GUARABIRA
2023**

JOSIVALDO JORGE GONÇALVES DA SILVA

***OTTO LARA RESENDE OU BONITINHA, MAS ORDINÁRIA (2012): SOB A
PERSPECTIVA RODRIGUIANA DO DESVELAMENTO DA ALMA HUMANA***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Letras/Português.

Orientador: Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa

**GUARABIRA
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586o Silva, Josivaldo Jorge Gonçalves da.
Otto Lara Resende ou bonitinha, mas ordinária (2012)
[manuscrito] : sob a perspectiva do desvelamento da alma
humana / Josivaldo Jorge Gonçalves da Silva. - 2023.
48 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2023.

"Orientação : Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa,
Coordenação do Curso de Letras - CH. "

1. Alma humana. 2. Nelson Rodrigues. 3. Dramaturgia. I.
Título

21. ed. CDD 028

JOSIVALDO JORGE GONÇALVES DA SILVA

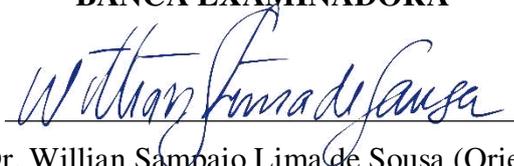
*OTTO LARA RESENDE OU BONITINHA, MAS ORDINÁRIA (2012): SOB A
PERSPECTIVA RODRIGUIANA DO DESVELAMENTO DA ALMA HUMANA*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora, no curso de Licenciatura Plena em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de graduada em Letras/Português.

Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 30/06/2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Willian Sampaio Lima de Sousa (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones (1ª Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Antônio Marques Simões (2º Examinador)
Centro Universitário de Patos (UNIFIP)

RESUMO

O objetivo desta monografia é realizar uma análise da peça *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária* (2012) do escritor Nelson Rodrigues, haja vista, que será desenvolvida a perspectiva do desvelamento da alma humana na ótica rodriguiana. Destaca-se que apesar de vários autores terem lançado uma leitura da análise psicológica na obra rodriguiana nenhum deles fez uma abordagem sob a perspectiva adotada na peça em estudo. Dessa forma, para chegar a esse propósito, seguiremos através do percurso da análise da natureza estética deste *corpus*, da compreensão do autor como analista da natureza humana, da sua cosmovisão real/ficcional, da sua concepção da alma humana e, por fim, será feita a análise de alguns personagens na perspectiva do desvelamento da alma humana. Ainda, portanto, se considera que esta pesquisa é de cunho crítico bibliográfico e tem como pressupostos teóricos: Adorno, (2008), Agostinho (1995), Aristóteles (2008), Castro (1997), Chauí (2011), Dostoiévski (2000), (2013), Facina (2004), Filho e Pondé (2017), Frankl (1993), Freud (1996), (1969), Galian (2022), Hoobes (2006), La Rochefoucauld (2014), Lopes (1993), Magaldi (1992), (2004), (2010), Nietzsche (1992), Paiva (2018), Pondé (2013), (2010), Rousseau (1973), Steiner (2006), Silva (2009) e Unamuno (2013).

Palavras-chave: Alma humana; Nelson Rodrigues; Dramaturgia.

ABSTRACT

The object of this work is to carry out an analysis of the play “*Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária*” (2012), by the writer Nelson Rodrigues, considering that is going to be designed a perspective about the unveiling from human soul in *rodriguiana* view. It is important to stands out that while several authors made a psychological analysis reading in the *rodriguiana* play none of them have made an approach from the adopted perspective in the piece under study. Therefore, to reach to this purpose, we will follow through the pathway of the analysis of the nature aesthetic from this corpus, about the author comprehension as analyst to the human nature, his worldview real/fiction, about his human soul conception and, in the end, is going to be made an analysis of some characters considering the unveiling human soul perspecitve. In addition, thus, this research has a bibliographic critical nature and also counts as theoretical assumptions from: Adorno, (2008), Agostinho (1995), Aristóteles (2008), Castro (1997), Chauí (2011), Dostoiévski (2000), (2013), Facina (2004), Filho e Pondé (2017), Frankl (1993), Freud (1996), (1969), Galian (2022), Hoobes (2006), La Rochefoucauld (2014), Lopes (1993), Magaldi (1992), (2004), (2010), Nietzsche (1992), Paiva (2018), Pondé (2013), (2010), Rousseau (1973), Steiner (2006), Silva (2009) e Unamuno (2013).

Keywords: Human soul; Nelson Rodrigues; Dramaturgy.

SUMÁRIO

1- Introdução	7
2- Uma leitura estética sobre o universo ficcional rodriguiano e um estudo crítico sobre algumas perspectivas de sua obra	10
3- Nelson Rodrigues: um anatomista da alma à brasileira	13
4- Cosmovisão trágica rodriguiana	17
5- Alma humana em Nelson Rodrigues	23
6- Desvelamento da alma humana na peça <i>Otto Lara Resende ou bonitinha, mas ordinária (2012)</i>	27
6.1- A peça: <i>Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária (2012)</i>.....	27
6.2- Um olhar sobre algumas leituras da peça <i>Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária (2012)</i>.....	28
6.3- O desvelamento da alma humana na peça <i>Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária (2012)</i>.....	30
7- Considerações finais.....	44
Referências bibliográficas	46

1- Introdução

Otto Lara Resende ou bonitinha, mas ordinária (1962) é uma das peças de Nelson Rodrigues em que ele cria um universo ficcional marcado pelas suas principais influências, como a tradição judaico-cristã, a cosmologia trágica e a antropologia pessimista. Nesse cenário, seus personagens se movimentam em vórtices de paixões, em dolorosos conflitos existenciais e em dramas do “homem de carne e osso”, dessa forma, surpreendem o leitor e revelam a ambivalência trágica de suas almas. Vê-se que apesar das criaturas rodriguianas ocultarem os conflitos entre suas faces demoníaca e divina, elas são impelidas através de um processo de humanização para uma posição de autoconhecimento ou “desvelamento da alma humana”. Assim sendo, com base nesse entendimento preliminar, esta pesquisa se propõe a desenvolver os conceitos provenientes de Nelson Rodrigues como, *anatomista da alma*; sua *cosmovisão trágica*; sua concepção de *natureza humana* e, sobretudo, a perspectiva aqui definida como “desvelamento da alma humana”.

O presente estudo pretende analisar o “desvelamento da alma humana” na peça *Otto Lara Resende ou bonitinha, mas ordinária (1962)*. A obra retrata a trajetória de autoconhecimento e redenção do protagonista Edgard, jovem pobre que está preso ao dilema de casar-se com Ritinha (por quem é apaixonado) ou com Maria Cecília (filha de doutor Werneck, ex-patrão de Edgard) pelo cheque no valor de cinco milhões de cruzeiros. Neste sentido, é possível verificar, na obra em questão, uma determinada cosmovisão ficcional e uma gama de personagens que representam a alma humana em sua forma cindida, fragilizada e insuficiente em que se verifica a concepção de *natureza humana* de Nelson Rodrigues.

Após a apresentação do *corpus* e a delimitação analítica deste trabalho, esta pesquisa será fundamentada nas contribuições estéticas de Aristóteles (2008), em relação, ao seu conceito de *mimesis* e a sua influência na atividade de criação artística e Adorno (2008) sobre sua perspectiva da arte como processo contínuo de recriação. Também, teremos o aporte crítico de Facina (2004), Castro (1997), Lopes (1993), Paiva (2018), Steiner (2006), Silva (2009) e Magaldi (1992), (2004), (2010) no que tange as suas considerações sobre a obra Rodriguiana e sua cosmovisão trágica. Já no que se refere à aplicação de conceitos filosóficos, literários e antropológicos, que auxiliarão na compreensão da análise em questão, têm-se como base teórica Chauí (2011), Dostoiévski (2000), (2001), (2013), Filho e Pondé (2017), Frankl (1993), Freud (1996), (1969), Galian (2022), Hoobes (2006), La Rochefoucauld (2014), Nietzsche (1992), Pondé (2013), (2010), Rousseau (1973) e Unamuno (2013). Em suma, destaca-se que esse

embasamento teórico é de fundamental importância para o entendimento e discussão da problemática apontada em *Otto Lara Resende ou bonitinha, mas ordinária* (1962).

Verifica-se que o procedimento analítico deste estudo se deu pela pesquisa bibliográfica dos livros e trabalhos acadêmicos disponíveis em sites especializados na internet. Esses textos passaram pela leitura, discussão, fichamento e análise, utilizando-se da abordagem qualitativa, algo imprescindível para o exame analítico do problema. No que tange a relevância deste estudo, apesar de Malgadi (1992) e Pondé (2013) ressaltarem a posição de Nelson Rodrigues como autor *jansenista* e *moralista*, respectivamente, dessa forma traçando sua concepção de natureza humana, até o presente momento não é conhecido nenhum estudo da perspectiva rodriguiana de “desvelamento da alma humana”, ou seja, como se mostra esse processo em seus personagens. Para chegar a esse propósito, na sequência, serão tratados os pontos que auxiliarão na construção dessa monografia.

A primeira seção que será examinada neste trabalho é uma leitura crítica da obra em discussão: *Otto Lara Resende ou bonitinha, mas ordinária* (1962). Aqui serão examinadas questões referentes a natureza estética dessa obra e a influência de alguns autores na atividade criativa de Nelson. Após essas considerações preliminares, partiremos para o entendimento de conceitos fundamentais do problema proposto.

O segundo capítulo tratará da concepção de Nelson Rodrigues como *autor moralista*, não no sentido de defensor da moral conservadora, mas no *stricto senso* filosófico, ou seja, como um analista da natureza humana. Neste tópico, examinaremos a perspicácia do autor em mergulhar no âmago da alma humana e fazer de seu teatro um espetáculo pedagógico através dos flagelos da existência do homem. Tendo em vista, ele como herdeiro agostiniano de uma visão pessimista da natureza humana.

Na sequência, partindo da posição de Nelson Rodrigues como *autor trágico*, iremos analisar suas influências – *tradição judaico-cristã* e *tragicidade grega* – como formadoras de seu fazer poético. Aqui, também, será observado e discutido, entre outros pontos, como os conceitos do *trágico*, *pecado original* e *páthos*¹ são fundamentais para o drama rodriguiano. Assim, portanto, teremos o conhecimento das ideias que alicerçam a cosmovisão do autor.

Assim, será analisado comparativamente a perspectiva de *natureza humana* do autor em discussão com outras perspectivas filosóficas, literárias e científicas. Pois, embora, Nelson

¹ Neste estudo o conceito de páthos, palavra grega (πάθος), será utilizado como paixão, afeto ou sofrimento que atravessa contingencialmente as dimensões da existência humana.

Rodrigues nunca tenha sistematizado uma teoria sobre a natureza humana no sentido filosófico, far-se-á uma demonstração, baseada em seus escritos e das análises dos estudiosos de sua obra, no que diz respeito a sua concepção da natureza humana. Neste cenário, poderá ser observado que o escritor rompe com grande parte da tradição filosófica/literária no que concerne as suas considerações metafísicas.

E, finalmente, analisar-se-á, sob a perspectiva de desvelamento da alma humana as camadas psicológicas dos personagens: Edgard, Ritinha, Maria Cecília, Peixoto, Dr. Werneck e a frase “O mineiro só é solidário no câncer”. Dessa forma, evidenciaremos o complexo substrato psicológico que compõe o universo rodriguiano. Por fim, ressalta-se, que nessa análise de personagens serão usados conceitos e ideias que foram apresentados e desenvolvidos no decorrer do estudo e que contribuem para o entendimento desta proposta.

2- Uma leitura estética sobre o universo ficcional rodriguiano e um estudo crítico sobre algumas perspectivas de sua obra

O universo ficcional Rodriguiano, como Magaldi (1992) já bem expôs, é construído por elementos que nos são familiares, em outras palavras, a realidade prosaica é uma constante em toda sua obra. Entretanto, essa mesma realidade banal produz um efeito de estranhamento nos espectadores, principalmente, no que concerne a psicologia dos personagens, visto que esse efeito se evidencia pela exacerbação do caráter mórbido, trágico e exagerado dessas figuras. O próprio Nelson relatava, conforme Castro (1997, p. 134): “As senhoras me dizem: - “Eu queria que os seus personagens fossem como todo mundo. E não ocorre a ninguém que os meus personagens são como todo mundo (...)”. Dessa forma, pela fala de Nelson, percebe-se que o autor defende que sua literatura não está separada da realidade, mas, ao contrário, é uma imitação da vida real, uma vez que, compreender o personagem rodriguiano é compreender “o homem de carne e osso”. Assim, como Unamuno (2013) entendia que o homem que não se reduz, simplesmente, a uma abstração racional, mas um ser que nasce, sofre, ri, deseja, pensa e morre.

Diante disso, em seu conceito de *mimesis*, Aristóteles (2008) afirma que a arte é uma forma de imitação da natureza. Sob tal perspectiva, constata-se que o fazer artístico (*poíesis*) na visão aristotélica é uma tarefa que complementa a vivência humana em sua relação com a realidade, pois a vida do homem constrói-se com o significado que a arte lhe atribui. Por conseguinte, ainda se depreende que a vida é uma imitação da arte (considerando-se que a vida humana também é uma forma de manifestação da natureza) e de que a arte é uma imitação da vida.

Nesse contexto, a *mimesis*² rodriguiana plastifica diversas manifestações da realidade em um universo de sentidos que dialogam entre si e se confundem em um mesmo processo ficcional. Sobre isso, Castro (1997, p. 134) assevera: “Encontro meus personagens na vida real. Eu os farejo, eu os apalpo.”. Para Nelson, o mundo real ou ficcional; as pessoas reais ou os personagens de suas peças; as reportagens policiais ou a sua dramaturgia são em essência criações subjetivas que compartilham da mesma cosmovisão do autor. Aliás, basta observar sua crítica sobre o jornalismo que busca, incansavelmente, a “objetividade”, a “verdade dos fatos” ou “a realidade” ou, nas palavras de Castro (1997, p. 87), “Ai do repórter que for um reles e

² Mimesis (em grego: μίμησις, *mímesis*) é um termo grego que significa a faculdade do homem de imitação da natureza.

subserviente reproduzidor do fato. A arte jornalística consiste em pentear ou desgrenhar o acontecimento e, de qualquer forma, negar a sua imagem autêntica e alvar”. Após essas considerações, serão urdidadas algumas ideias que refletem a crítica bibliográfica da obra de Nelson e o quanto elas impactam no estudo proposto nesta análise.

Com o intuito de demonstrar a relevância deste trabalho e delinear as questões que foram propostas para a análise da peça *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária* (2012) serão expostos, brevemente, alguns estudos e perspectivas que já foram trabalhados nas obras de Nelson Rodrigues. Nesse sentido, apresentam-se duas leituras que motivam o desenvolvimento desta pesquisa e uma outra que possui pontos de divergência em relação a perspectiva adotada nesta análise. Dessa forma, esta análise da bibliografia crítica se justifica pela constatação do que foi abordado anteriormente pelos estudiosos e assim apresentar uma perspectiva diversa das análises da peça em questão.

As duas perspectivas que originaram este estudo são as leituras críticas da obra rodriguiana, feitas pelo crítico literário Sábato Magaldi e do filósofo Luís Felipe Pondé. Magaldi, em seu livro *Nelson Rodrigues: dramaturgia e encenações* (1992), defende a perspectiva de leitura de Nelson Rodrigues como um autor *jansenista*³. Para ele, Nelson expõe em sua obra uma visão antropológica pessimista da natureza humana marcada, predominantemente, pelo *pecado original* em que o homem deve viver um intervalo de dor e sofrimento, onde somente pode ser resgatado pela *graça divina*.

Por outro lado, Pondé entende Nelson Rodrigues como um autor *moralista* (ressalta-se que essa expressão deve ser entendida no sentido filosófico, como um analista da psicologia humana). Pondé em *A filosofia da adúltera: ensaios selvagens* (2013) viu Nelson como um perscrutador da alma humana, à maneira de: François de La Rochefoucauld, Jean de La Fontaine, Blaise Pascal e Jean de La Bruyère e até um autor mais recentes como Fiódor Dostoiévski. Pois, assim como esses escritores, o autor de *Vestido de Noiva*, possuía a capacidade de demonstrar as verdadeiras faces das virtudes e dos vícios e o quanto as paixões influem no comportamento humano.

A última perspectiva a ser observada é em Adriana Facina no *Santos e canalhas: Uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues* (2004). É importante ressaltar que Facina (2004) também desenvolve a ideia compartilhada pelos dois autores citados acima (no que se refere a ideia de Nelson Rodrigues como exímio analista da alma humana). Entretanto, ela

³ Nesta perspectiva considera-se Nelson Rodrigues como herdeiro da escola agostiniana francesa do século XVII.

diverge do sentido apresentado da obra em análise, pois parte para um caminho em que os instintos humanos determinam impreterivelmente o destino trágico do personagem rodriguiano.

Em suma, observa-se que Magaldi (1992) e Pondé (2013) apresentam ideias que influíram nesta análise, porém eles não aprofundaram essas concepções e nem aplicaram tais perspectivas na peça em discussão. No que diz respeito a Facina (2004), no capítulo V – *Demônios interiores*, a autora desenvolve a sua perspectiva crítica em algumas peças rodriguianas, mas demonstra uma divergência em relação a perspectiva que será trabalhada no estudo proposto. Nesse contexto, levando-se em conta, esse panorama da verve de Nelson Rodrigues, a questão principal ao qual se propõe este estudo é a análise sob a perspectiva rodriguiana do desvelamento da alma humana, na peça *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária* (2012).

3- Nelson Rodrigues: um anatomista da alma à brasileira

Em um primeiro momento, antes de ver a concepção de *autor moralista* como analista da natureza humana que é o que este estudo propõe atribuir a Nelson Rodrigues, serão tecidas algumas considerações que esclarecerão o escopo em questão. Geralmente, consideramos o termo moralista como o defensor dos valores tradicionais de uma determinada sociedade. Nesse sentido, o próprio Nelson se via como autor moral, “Minhas peças são obras morais. Deviam ser adotadas na escola primária e nos seminários” (CASTRO, 1997, p. 109).

Dando prosseguimento a ideia, pode-se apreciar Nelson Rodrigues como um *moralizador* que através de sua obra educa moralmente seu público.

Minhas peças têm um moralismo agressivo. Nos meus textos, o desejo é triste, a volúpia é trágica e o crime é o próprio inferno. O espectador vai para casa apavorado com todos os seus pecados passados, presentes e futuros. Numa época em que a maioria se comporta sexualmente como vira-latas, eu transformo um simples beijo em abjeção eterna. (CASTRO, 1997, p. 109)

Sob essa ótica moralizadora, a obra rodriguiana possui um efeito catártico diferente da *catarse* de Aristóteles (2008). De acordo com o último, sua *catarse* possuía a função terapêutica de purificar a plateia dos sentimentos de piedade e temor. Já o primeiro, defende que a apresentação deve demonstrar violentamente as atrocidades que nossos demônios ocultos podem praticar e, desta forma, fazer uma purificação do mal inaudito, porém presente no ser humano. Vejamos: “A ficção, para ser purificadora, precisa ser atroz. O personagem é vil para que não sejamos. Ele realiza a miséria inconfessa de cada um de nós. A partir do momento em que Ana Karenina, ou Bovary, trai, muitas senhoras da vida real deixarão de fazê-lo”. (CASTRO, 1997, p. 161)

Nesse cenário, a arte rodriguiana pode cumprir um papel de autotransformação. O espectador se relaciona com experiências que ele já vivenciou ou pode vivenciar, como também, com personagens que nos faz deparar com a natureza recôndita, agindo como espelhos que modelam a alma do espectador. De maneira similar, ressalta-se, que Dostoiévski, autor russo, que produziu profundo impacto na obra Rodriguiana, retrata bem esse processo de mergulho autêntico na alma de seus personagens, um exemplo disso é “homem do subsolo”, novela *Memórias do subsolo* (2000).

Existem recordações de todo homem coisas que ele só revela aos seus amigos. Há outras que não revela mesmo aos amigos, mas apenas a si próprio, e assim mesmo em segredo. Mas também há, finalmente, coisas que o homem tem medo de desvendar até a si próprio, e, em cada homem honesto, acumula-se um número bastante considerável de coisas do gênero. E acontece até o seguinte: quanto mais honesto é o homem, mais coisas assim ele possui. Pelo menos, eu mesmo só recentemente me

decidi a lembrar as minhas aventuras passadas, e, até hoje, sempre as contornei com alguma inquietação. Mas agora, que não apenas lembro, mas até mesmo resolvi anotar, agora quero justamente verificar: é possível ser absolutamente franco, pelo menos consigo mesmo, e não temer a verdade integral? (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 52-53)

É digno de nota que esse processo artístico-psicológico pode ser comparado a técnica da livre associação realizada pela terapia Freudiana. Para Freud (1969) esse método faz com que o paciente, através da fala, dissesse o que viesse a sua mente, assim traria a superfície conteúdos psíquicos inconscientes. Observemos o procedimento freudiano:

Diga, pois, tudo que lhe passa pela mente. Comporte-se como faria, por exemplo, um passageiro sentado no trem ao lado da janela que descreve para seu vizinho de passeio como cambia a paisagem em sua vista. Por último, nunca se esqueça que prometeu sinceridade absoluta, e nunca omita algo alegando que, por algum motivo, você ache desagradável comunicá-lo” (FREUD, 1969, p.136).

Após essas considerações sobre a influência do aspecto moralizador na obra de Nelson, partiremos para a concepção do autor como *moralista*, mais precisamente, como: “dissecador da alma humana”.

Antes da criação de uma ciência psicológica, como entendemos nos dias de hoje, alguns escritores, pensadores e filósofos se debruçaram sobre a questão de analisar as profundezas da alma humana. Destaca-se uma corrente de escritores dos séculos XVII e XVIII, chamados de moralistas franceses, eles além de criticarem a moral e os costumes da época, dissecaram e trouxeram à luz as virtudes e vícios ocultos do ser humano. Seus principais nomes são: François de La Rochefoucauld, Jean de La Fontaine, Blaise Pascal e Jean de La Bruyère. Porém, observa-se que essa influência não ficou só nesse contexto espaço-temporal, autores como Arthur Schopenhauer, Friedrich Nietzsche, Fiódor Dostoiévski, Machado de Assis, Sigmund Freud e, finalmente, Nelson Rodrigues foram marcados por essa tradição de análise psicológica.

É mister observar que, apesar de Nelson compartilhar essa atitude de analista da natureza humana com a de vários autores dessa tradição, ele se diferencia de alguns pela perspectiva psicológica da compreensão da alma humana. A perspectiva rodriguiana é constituída, fundamentalmente, da compreensão da natureza humana marcada pelo *pecado original*. Pondé assim descreve que:

(...) o ser humano como necessariamente dominado por uma natureza pecadora, diríamos hoje “uma natureza psíquica”. Vítimas da herança maldita de Adão e Eva, homens e mulheres arrastariam pelo mundo uma razão submetida a uma vontade orgulhosa, violenta e obcecada pelo sexo e poder. Desejosos de amor, mas incapazes de vivê-lo ou mesmo vê-lo. Cegos e autômatos, caminhariam pela Terra deixando um rastro de desespero e desencontro com os outros e consigo mesmos. (PONDÉ, 2013, p. 14)

Corroborando com a posição de Pondé (2013), Magaldi (1992) já via Nelson Rodrigues como um *jansenista* (agostinianos do século XVII defensores de que a natureza humana era dominada pelo pecado original), em outras palavras, um analista agostiniano da sociedade brasileira de sua época. Destarte, autores como La Rochefoucauld e La Bruyère, e outros mais modernos, como Schopenhauer, Nietzsche e Freud podem ser considerados analistas que romperam com essa corrente e buscaram a compreensão do homem por caminhos apartados da tradição religiosa cristã.

Além disso, é importante salientar que Rodrigues diverge de grande parte dos teóricos da natureza humana que como Hobbes (2006) defendia a ideia do “*Homo homini lúpus*” em que a natureza do homem é vista como má, egoísta e cruel ou Rousseau (1973) com sua teoria do “bom selvagem” em que o homem em estado de natureza era bom, inocente e altruísta, porém era corrompido pela sua convivência em sociedade. Diferente desses autores, Nelson via que a natureza humana não é essencialmente boa ou má, mas possui uma ambivalência que a faz percorrer os extremos e as contradições de sua constituição. Assim, portanto, Rodrigues nos afasta de uma compreensão *maniqueísta*⁴ de que o homem é, intrinsecamente bondoso ou maligno, para nosso autor, pelo contrário, na alma humana coexistem as faces - divina e demoníaca, amável e cruel, bela e horrenda.

Para conceituar Nelson como *autor moralista*, Pondé (2013, p.14) diz, “Nelson fala do que não queremos saber acerca da alma humana e, nesse sentido, ele é um moralista no sentido mais preciso. Em filosofia, moralista significa alguém que disseca a alma.” Com essa definição, Pondé (2013) esclarece a razão de Nelson Rodrigues ser considerado *moralista* e a importância de lermos e discutirmos sua obra, ele percorre os extremos da alma humana, mergulha a abismos insondáveis ou se eleva a alturas vertiginosas, não há ponto em que não examine, sobretudo, o que há de perverso, vil e sujo sobre a natureza humana. Castro lança luzes sobre este entendimento:

O ser humano é cego para os próprios defeitos. Jamais um vilão do cinema mudo proclamou-se vilão. Nem o idiota se diz idiota. Os defeitos existem dentro de nós, ativos e militantes, mas inconfessos. Nunca vi um sujeito vir à boca de cena e anunciar, de testa erguida: - “Senhoras e senhores, eu sou um canalha”. (CASTRO, 1997, p. 34-35)

Nesse cenário, os seres humanos buscam o autoengano por não quererem reconhecer seus defeitos e neste processo a tendência é a criação de justificativas, teorias e desculpas para

⁴ Filosofia religiosa proposta por Maniqueu, filósofo heresiarca do século III, que defende o dualismo da realidade entre os princípios opostos: Bom (Deus) e Mal (Diabo).

não encarar a sua verdadeira natureza, assim ele se desumaniza de forma voluntária e consciente. Pois, como já defendia Dostoiévski: “Mas o homem é a tal ponto afeiçoado ao seu sistema e à dedução abstrata que está pronto a deturpar intencionalmente a verdade, a descrever de seus olhos e seus ouvidos apenas para justificar a sua lógica” (DOSTOIÉVSKI, 2000, p. 36).

Para o *autor moralista* em questão, o homem se engana quando está convicto da pureza de suas virtudes ou sentimentos. Segundo La Rochefoucauld (2014, p. 11): “Nossas virtudes são apenas, no mais das vezes, vícios disfarçados.”. Observa-se que essa desmedida pode levar a uma presunção de falsa santidade. De acordo com Castro (1997, p. 149), “Nada mais odioso do que a virtude chapada, sem uma brecha, sem uma racha, sem uma goteira. Um santo sem nenhuma nostalgia do pecado é um monstro de circo de cavalinhos”. Pode-se observar essa situação em *Toda nudez será castigada* (1981) com o descumprimento da promessa de castidade de Herculano para seu filho Serginho, após a morte da esposa, e como consequência a desgraça da família.

Tendo em vista que desnudamos aspectos da perspectiva de Nelson Rodrigues como *moralista*, a partir de agora, será vista a sua compreensão cosmológica. Desta forma, tratar-se-á da consideração de Nelson como autor *trágico* e, outrossim, o quanto isso reverbera na sua visão de natureza humana e na composição de sua cosmovisão ficcional. Por fim, ainda, ressalta-se que nesta esteira, evidenciará a influência e os desdobramentos das concepções da *tragicidade grega e tradição judaico-cristã* no processo criativo do autor.

4- Cosmovisão trágica rodriguiana

Nelson Rodrigues constituiu sua cosmologia ficcional trágica a *grosso modo*, segundo Paiva (2018), por uma visão antropológica pessimista ancorada em profundas crenças judaico-cristãs (como o *pecado original* e a *queda adâmica*) em que se soma a ela, de acordo com Lopes (1993), a influência das tragédias gregas. Ressalta-se que a visão do mundo pela ótica rodriguiana é uma das perspectivas que, embora, seja marcada pelas tradições fundadoras da civilização ocidental (judaico-cristã e cultura grega) ela entra em confronto com as ideias dominantes da cultura ocidental moderna, baseadas nos princípios humanistas, racionalistas e cientificistas do século XVIII e XIX. De acordo com esses princípios, a tradição, a religião ou o irracional são ideias supersticiosas que podem levar ao fanatismo e a barbárie. Silva lança luzes sobre estes elementos:

No Ocidente moderno, a supremacia da razão e do progresso inevitável do racionalismo ocidental faz com que a filosofia e a ciência sejam ancoradas no pensamento racional que exclui da percepção da realidade todo e qualquer resquício do irracional a exemplo da mística, do romantismo, da dor e da morte. (SILVA, 2009, p. 25)

Para Nelson, a vida humana é atravessada em um “vale de lágrimas”, “aparentemente”, abandonada por Deus. Conforme Castro (1997), Nelson declarava que o homem é um hóspede indesejado no mundo e a sua estadia é marcada por doenças, catástrofes, desgraças e uma constante nostalgia do paraíso. Ao analisarmos a natureza do mundo, o autor pernambucano aproxima sua visão a autores como Freud (1996, p. 50), conforme vemos: “Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja ‘feliz’ não se acha incluída no plano da ‘Criação’”. Assim sendo, para a perspectiva freudiana, o mundo, em razão dos problemas inerentes a existência humana e a sua própria constituição natural, não é governado por uma providência benevolente, dessa forma, a felicidade humana na terra é comprometida por fatores que se apresentam, praticamente, incontornáveis. Freud nos alerta:

Assim, nossas possibilidades de felicidade sempre são restringidas por nossa própria constituição. Já a infelicidade é muito menos difícil de experimentar. O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. (FREUD, 1996, p. 50)

Não obstante, para Nelson Rodrigues e Freud, a existência humana é, essencialmente, marcada pela infelicidade, entretanto, em Nelson a transcendência cristã oferece sentido a todos os males e justifica a vida humana.

Em Nelson Rodrigues, a existência é frágil, dolorida e incerta devido à *queda adâmica* e ao *pecado original*, mas ao contrário, devido à nostalgia do Éden, segundo Castro (1997, p. 115), “O homem deveria ter nascido no Paraíso”. Contudo, podemos ser redimidos e restaurados através de nossa ligação com Deus pelo o amor (*caritas*) e pela compaixão. De acordo com este autor: “A imagética rodriguiana é afirmação que o amor não é deste mundo, mas do divino; o poder de amar ao próximo depende da graça de Deus”. (PAIVA, 2018, p. 95).

Na cosmologia trágica rodriguiana, apesar da necessidade humana da presença de Deus, Castro (1997, p. 50) assevera que: “(...) ora, não me espanta que alguém, Papa ou não, veja Deus. O que me assombra, realmente assombra, é que Deus não seja visto, a toda hora, e em toda parte, por todo mundo”. Assim, o homem é uma criatura que sem a ligação com seu Criador, vagueia pelo mundo à sombra da miséria da existência. Paiva aponta os traços da cosmovisão trágica de Nelson Rodrigues: “Acreditamos, também, que sua cosmovisão trágica imita, em alguns aspectos, uma tradição agostiniana. Agostinho defende que o homem tem uma natureza refratária, o humano seria um ser de natureza pecadora, mas recebe a misericórdia divina, ou seja, é um ser miserável”. (PAIVA, 2018, p. 41). Após essas reflexões sobre a visão Rodriguiana marcada pela influência de sua visão pessimista de valores judaico-cristãos, abordaremos uma vertente que completa a cosmovisão trágica do autor. A ideia que será tratada neste momento é a força da perspectiva *trágica grega* no universo de Nelson Rodrigues.

A concepção trágica pode se apresentar, inicialmente, na obra rodriguiana como um reflexo de fatos biográficos que foram determinantes para a construção de seu universo literário. Conforme Paiva (2018), acontecimentos como: a gripe espanhola, o assassinato do seu irmão Roberto Rodrigues, seu trabalho como repórter policial e as suas doenças foram fatores determinantes na sua formação. Nesse contexto, apesar das crenças judaico-cristãs que o autor tinha em grande apreço, certos acontecimentos demonstravam um completo abandono do homem no mundo, onde ele se encontrava a sua própria sorte, assim - catástrofes, doenças, pragas, injustiças, maldades e traições saltavam aos seus olhos de forma inegável. Enfim, um mundo *trágico* – regido, conforme Pondé (2010), por divindades primordiais: cegas, arbitrarias e caprichosas.

Desta forma, uma concepção da realidade caótica, contingencial e ambivalente, sem nenhum aparente ordenamento moral (ou, pelo menos, um ordenamento moral que sem a ligação com Deus se torna intraduzível para o ser humano), é uma constante na obra Rodriguiana.

(...) no regime religioso grego, somos objetos de desejo das deusas e dos deuses sem fins pedagógicos ou morais. Eles nos amam apaixonadamente ou nos detestam, têm filhos conosco, nos traem, nos perseguem, escolhem alguns para ser corajosos e outros para ser covardes, nos destroem sem pena, enfim, sem nenhum regime moral que faça da vida humana uma “máquina de sentido”. (PONDÉ, 2010, p. 61)

Assim sendo, Nelson constrói uma cosmologia que nos traga a princípios da tragicidade grega que está fundada em aspectos atemporais e universais que ainda estão presentes em nossa realidade, apesar de todos os milênios perpassados. “O saber trágico corresponde a uma visão de mundo centrada na desordem, no acaso e nas idiossincrasias inerentes à existência.” (SILVA, 2009, p. 27). Outrossim, de acordo com Nietzsche (1992, p. 36), em *Nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*, “O grego conheceu e sentiu os temores e os horrores do existir”. Para Nietzsche, antes do otimismo socrático-platônico, os gregos conheceram uma visão trágica da realidade plasmada no mito do sábio Sileno e do Rei Midas. Vejamos um fragmento do mito:

(...) perguntou-lhe o rei qual dentre as coisas era a melhor e a mais preferível para o homem. Obstinado e imóvel, o demônio calava-se; até que, forçado pelo rei, prorrompeu finalmente, por entre um riso amarelo, nestas palavras: - Estirpe miserável e efêmera, filhos do acaso e do tormento! Por que me obrigas a dizer-te o que seria para ti mais salutar não ouvir? O melhor de tudo é para ti inteiramente inatingível: não ter nascido, não ser, nada ser. Depois disso, porém, o melhor para ti é logo morrer. (NIETZSCHE, 1992, p. 36)

Diante do exposto, surge o seguinte questionamento, como Nelson Rodrigues sofreu o influxo criativo da arte trágica grega? Em um primeiro instante, a resposta pode advir da ligação umbilical entre o teatro e os rituais dionisíacos. Pois, embora, depois de milhares de anos, o teatro ainda manifesta as forças trágicas do espírito dionisíaco e, conseqüentemente, os valores que formam o ideário trágico da Grécia antiga. Pondé tece um comentário sobre esta temática:

Uma das formas mais comuns de se entender a raiz da palavra “tragédia” é a palavra *tragos*, do grego arcaico, que significa o animal bode, sacrificado para o deus Dionísio, o deus do vinho, da loucura, do pathos (paixão) em oposição a Apolo, deus da razão, da forma (essa oposição é típica da leitura que faz Nietzsche). (PONDÉ, 2010, p. 57)

Para Nietzsche (1992), a tragédia ática se fez pela união e reprodução dos princípios *apolínicos* e *dionisíacos* que além de impulsos criativos, são perspectivas metafísicas dicotômicas. *Dionísio* representa o caótico, a embriaguez, ausência de forma e a música e *Apolo* é representante da ordem, da harmonia, da forma e das artes plásticas. Nietzsche entende que:

Tomamos estas denominações dos gregos, que tornam perceptíveis à mente perspicaz os profundos ensinamentos secretos de sua visão da arte, não, a bem dizer, por meio de conceitos, mas nas figuras penetrantemente claras de seu mundo dos deuses. A seus dois deuses da arte, Apolo e Dionísio, vincula-se a nossa cognição de que no mundo helênico existe uma enorme contraposição, quanto a origens e objetivos, entre a arte do figurador plástico [*Bildner*], a apolínea, e a arte não-figurada [*unbildlichen*] da música, a de Dionísio: ambos os impulsos, ¹⁶ tão diversos, caminham lado a lado, na maioria das vezes em discórdia aberta e incitando-se mutuamente a produções sempre novas, para perpetuar nelas a luta daquela contraposição sobre a qual a palavra comum “arte” lançava apenas aparentemente a ponte; até que, por fim, através de um

miraculoso ato metafísico da "vontade"¹⁷ helênica, apareceram emparelhados um com o outro, e nesse emparelhamento tanto a obra de arte dionisíaca quanto a apolínea geraram a tragédia ática. (NIETZSCHE, 1992, p. 27)

Outra posição que pode ser explorada é a ideia do *trágico* como *momento*. Esta ideia defendida por Adorno (2008) aponta que a obra de arte é um processo contínuo, uma resposta a uma determinada questão artística, mas que não subordina sua essência a ela. Então, dessa forma, o *trágico* em Nelson é um processo de reinvenção, não uma submissão aos moldes das tragédias grega antiga. Lopes discorre sobre o tema:

Pode-se então dizer que a tragédia é um momento – momento constitutivo, imanente à arte e presente na obra, compreendida como processo que se desenrola. (...) É nesse sentido que encontramos o trágico tal como ele é proposto na obra de Nelson Rodrigues. Como um momento, uma questão, um jogo, um pôr em jogo. Uma ideia que tem origem na tragédia grega. Essa volta à origem não é marcada pela intenção de nela detectar alguma coisa como a essência do fenômeno dito trágico proposto na obra rodriguiana. (LOPES, 1993, p. 78)

Prosseguindo nessa mesma linha de sentido, uma questão importante para entender a influência da tragicidade grega na obra de Nelson é a forma como se manifesta os princípios dessa arte na sua ficção. Para Lopes (1993), o autor em debate, não se propôs a criar tragédias no sentido clássico, mas em incorporar *clichês* que dialogam com essas tragédias e que recriam novas formas trágicas. Lopes prossegue:

Da mesma maneira, ele captará os clichês trágicos na construção de suas tragédias – e fazemos aqui referência principalmente a *Álbum de família*, *Anjo Negro* e *Senhora dos afogados*. Quais são esses clichês? As noções de destino, fatalidade, maldição, vingança. Elementos como o coro. Um certo clima, um certo ambiente. Ele retomará também certos temas: o incesto, o infanticídio. (LOPES, 1993, p. 94)

Após tecer tais ideias sobre o poder da arte trágica em Nelson Rodrigues, abordaremos o conceito de *páthos*, sua relação com a perspectiva trágica e como se dá sua presença na obra do dramaturgo.

Apesar da etimologia grega da palavra *páthos* poder nos levar a ideia de patologia, afecção, doença (mesmo considerando que as paixões levam, frequentemente, os personagens rodriguianos ao adoecimento), o conceito aqui utilizado na compreensão deste estudo é a ideia de *páthos* como “paixão”, afeto ou obsessão. Em linhas gerais, segue-se a leitura de Filho e Pondé (2017), na obra *O que move as paixões*, de que o afeto é por definição o que não pode ser controlável e que possui o poder de nos dominar. Neste contexto, por outro lado, nos afastaremos das visões tradicionais: religiosa, filosófica e científica que se faz presente até os dias de hoje, de que as paixões devem ser extirpadas, anuladas ou controladas, sendo esse processo realizado por exercícios ascéticos, meditativos ou pelo uso de psicofármacos. Assim sendo, na obra de Nelson, devido, principalmente, a influência da escola romântica e a sua

postura de crítica à modernidade, a pessoa para ter um processo autêntico de experiência humana precisa atravessar suas paixões e excessos. Conforme Castro: “Sou um obsessivo e houve alguém, se não me engano o Claudio Mello e Souza, que me chamou de ‘flor de obsessão’. Exato, exato, e graças a Deus. O que dá ao homem *um mínimo de unidade interior é a soma de suas obsessões*”. (CASTRO, 1997, p. 5, grifo nosso)

Em Nelson, o *páthos* permeia toda sua obra, como é visto no perdão de Gilberto pela traição de Judite em *Perdoa-me por me traíres* (2012); na vingança de Virgínia (semelhante à Medeia), para com Ismael, que mata seus filhos em *Anjo Negro* (1981) ou no assassinato de Arandir por Aprígio (motivado pelo seu amor homossexual) na peça *Beijo no asfalto* (2004). As paixões na ficção rodriguiana desgovernam o ser humano e os arrasta, comumente, para a desgraça. Nesse sentido, a personagem, mesmo não raramente, serem “adoecida” por suas obsessões, ela precisa desse processo para evoluir em seu processo de humanização.

Agora, partindo para a relação entre o trágico e o *páthos*, observa-se que tanto o macrocosmo trágico quanto o microcosmo da vida dos personagens transitam em uma dinâmica contingencial⁵. Sobre este tema, Chauí assinala que:

A paixão é um acidente ou um predicado que tem a peculiaridade de ser sempre contingente. Em primeiro lugar, porque, como diz a própria definição de contingência, depende do encontro fortuito ou casual de nosso corpo com os objetos de prazer e dor; em segundo, porque, dependendo do estado de nosso corpo e de nossa alma, um mesmo objeto tanto pode causar prazer como dor. (CHAUÍ, 2011, p. 444)

Desta forma, a dramaturgia Rodriguiana é permeada por paixões que são resultadas de relações contingenciais. O amor, o ciúme, o incesto e o assassinato são conflitos internos e manifestações que se relacionam com o acaso que não pode ser determinável. A personagem não possui mérito sobre a constituição e controle de suas virtudes ou de seus vícios. Nelson desconfia do controle da natureza humana à maneira de La Rochefoucauld (2014), “O que consideramos virtudes costuma ser só um conjunto de ações e interesses diversos que o destino ou nosso engenho sabe arrumar; e nem sempre é por coragem e por castidade que os homens são corajosos e as mulheres são castas”. (LA ROCHEFOUCAULD, 2014, p. 11)

Em Nelson, as paixões são incontroláveis e o mundo exterior é caótico e imprevisível. Nesse jogo do acaso, o homem é um ser frágil que a qualquer momento poder ser atingido pelo

⁵ O conceito de contingência na Filosofia é entendido como algo que pode acontecer, mas que não há garantia de sua ocorrência.

destino. Como tragicamente apareceu em forma de *maldição familiar* em *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária* (2012).

Toda a família tem um momento,
 um momento em que começa a apodrecer.
 Percebeu? Pode ser a família mais decente,
 mais digna do mundo. E lá um dia, aparece um
 tio pederasta, uma irmã lésbica, um pai ladrão,
 um cunhado louco. Tudo ao mesmo tempo.
 Está ouvindo, Edgard? (RODRIGUES, 2012, p. 73)

Dessa maneira, verifica-se, novamente, sua aproximação com a criação da arte trágica, em especial, com a obra de Eurípides. Pois, para Eurípides, como em Nelson, o destino de seus personagens não é construído pelos deuses, mas pelas suas paixões. Silva (2009, p. 201) distingue os procedimentos entre Ésquilo e Eurípides: “Enquanto Ésquilo concebia o destino humano tão somente como o cenário para eventos como que orientados por poderes superiores, Eurípides considerava que esse destino (Medéia e Hipólito) nasce do próprio homem, do poder de suas paixões” ou, conforme Prado, “Diferentemente da tragédia antiga, em que o destino dos homens era determinado pelos deuses, na tragédia moderna os homens são condenados por seus *demônios interiores*”. (PRADO, 1996, p. 270 apud FACINA, 2004, p. 262-263, *grifo nosso*).

Ademais, em um universo trágico, os aspectos fundadores e mantenedores da ordem, não são preponderantes no que tange a dinâmica cosmológica. Nessa perspectiva, mesmo no mundo moderno, as instituições, a razão e ciência não resolvem os problemas do homem. De acordo com Steiner (2006, p. 4): “O drama trágico nos diz que as esferas da razão, ordem, e justiça são terrivelmente limitadas e que nenhum progresso de nossa ciência ou de nossos recursos técnicos ampliará sua relevância”. Nesse sentido, as personagens rodriguianas, em sua maioria, são marcadas por conflitos inconciliáveis. A ciência, a previdência ou a razão são aspectos que são duramente solapados por paixões arrebatadoras. Por exemplo, não é o cuidado da família Noronha que garante a castidade e a educação da jovem Silene, em *Os 7 Gatinhos* (2012) ou a cirurgia de reconstituição do hímen, prometida pelo Dr. Werneck, que trará a virgindade das irmãs de Rita, em *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária* (2012). Depois de refletir sobre a cosmovisão trágica Rodriguiana e a influência da arte trágica e do conceito de *páthos* em sua produção literária será abordada a visão de Nelson no que se refere a sua concepção de natureza humana.

5- Alma humana em Nelson Rodrigues

Para entendermos melhor a perspectiva Rodriguiana sobre a natureza humana é mister destacar que serão usados os termos - alma (no sentido cristão) e natureza humana – como ideias correspondentes. Pois, como já foi explicado, a cosmovisão de Nelson é, predominantemente, fundada nos valores e crenças cristãs e, não sendo diferente, seu entendimento antropológico também está firmado nesses princípios. Paiva corrobora com o nosso entendimento:

Neste sentido, sua cosmovisão está alicerçada na conceituação mitológica de “natureza humana” marcada pela queda adâmica, isto é, o pecado original que, em perspectiva agostiniana, se fez por uma desobediência de uma regra divina: deus propôs uma diretriz — que a princípio aparentava ser fácil — a qual o homem deveria cumprir, já que os homens como criaturas devem seguir a vontade do seu criador. A falta (hamartia), entretanto, não se conservou impune. As consequências do pecado realizaram-se com a morte corporal e a queda do paraíso (os homens, diferente dos anjos, não são imortais). Por essa razão, os pais da humanidade deixaram como herança o peso da culpa para todos os seus filhos, a condenação pelo pecado que, para olhar judaico-cristão, é inevitável é o seu destino; o homem sempre carregará a marca do pecado. (PAIVA, 2018, p. 94)

Nesse cenário, toda a obra de Nelson Rodrigues é construída por personagens que possuem uma natureza formada por uma concepção antropológica pessimista. São seres cindidos, fragilizados e insuficientes em que a salvação do ser humano só advém pelo auxílio divino e quaisquer teorias ou meios mundanos são tentações demoníacas que afastam o homem de sua missão transcendente.

Para o autor de *Anjo Negro*, o homem é constituído de traços - divinos e demoníacos, bons e maus, sublimes e degradantes. Destaca Brum: “Assim como Blaise Pascal que, no século XVII, via no homem um ser duplo, que continha em si grandeza e miséria, Nelson Rodrigues caracteriza a condição humana como permeada de uma ambiguidade trágica”. (BRUM, 1998, p. 60 apud FACINA, 2004, p. 261).

Desse modo, a alma humana possui uma cisão profunda, ela nunca estará totalmente tomada pelo mal ou pelo bem e nem deveria estar. Assim, o personagem rodriguiano, por mais maligno que seja, sempre possuirá uma centelha de bondade, como o personagem santificado, também estará com a marca do mal. “É preciso ir ao fundo do ser humano. Ele tem uma face linda e outra hedionda. O ser humano só se salvará se, ao passar a mão no rosto, reconhecer a própria hediondez.” (CASTRO, 1997, p. 152). O autor prossegue:

Alguém poderá perguntar: - afinal, eu acredito ou não no homem? Claro que sim. Mas em um homem que seja um deslumbrante centauro, metade Deus e metade Satã. Se, porém, falta ao homem a metade satânica, não teremos homem, não teremos ninguém. (CASTRO, 1997, p. 152)

Assim, segundo Figueiredo (2007, apud SILVA, 2009, p. 258) diferentemente, do homem do mundo ou moderno que vive perdido na variação de graus e matizes em que os limites são meras abstrações, o homem trágico se encontra na tensão extrema entre polos, sejam

eles confusos ou claros. Nesse sentido, a concepção de Natureza humana rodriguiana é marcada por essa ambivalência trágica em que a consciência do homem transita entre extremos, aparentemente, intocáveis, mas que, invariavelmente, se tocam. Dessa maneira, Nelson entra em choque com as teorias modernas que excluem o caráter ambivalente da natureza humana, como a teoria Rousseauiana do “bom selvagem”, que possuem a presunção de pôr fim a questões intrínsecas da natureza humana, como o problema do mal no coração humano.

Embora, grande parte dos estudiosos de Nelson Rodrigues o verem, simplesmente, como crítico da hipocrisia da classe burguesa brasileira do século XX, eles não percebem que o conflito do homem com seus demônios interiores e a difícil luta pela redenção humana, vai além de tal problemática socioeconômica. Nelson Rodrigues vê a agonia da existência humana à maneira de Dostoiévski (2001, p. 123): “É o diabo a lutar com Deus, e o campo de batalha é o coração humano”. Assim sendo, nesta perspectiva, todas as questões histórico-sociais são cenários que ilustram a agônica condição humana.

Outro ponto que destaca a leitura rodriguiana da alma humana é a sua divergência de algumas teorias modernas dos séculos XVIII e XIX que levam ao entendimento de que o homem é um juguete de leis deterministas, seja pela força de leis socioeconômicas (marxismo), biológicas (darwinismo) ou psicológicas (behaviorismo) que colocam o homem como um ser autômato e tiram dele a sua liberdade. Nelson Rodrigues sempre coloca a possibilidade do exercício do livre-arbítrio, apesar de todos os fatores que o tentem reduzir o homem a uma peça no universo mecânico-materialista. Uma vez que para Nelson como para Dostoiévski (2000, p. 44) “(...) os homens são sempre homens e não teclas de piano”. As suas personagens não podem ser compreendidas, meramente, por teorias filosóficas, culturais ou socioeconômicas modernas. Por exemplo, o personagem Jonas, da peça *Álbum de família* (2020), possui uma obsessão incestuosa pela filha Glória e para aplacar esse desejo ele desvirgina as garotas de 12 a 16 anos que moram próximo a sua propriedade. Assim, conclui-se que mesmo que o patriarca estivesse sob condições culturais ou socioeconômicas diferentes, o seu pecado não se manifestaria de outra forma se ele não se confrontasse com seus demônios interiores e adotasse uma posição de autoconhecimento.

Assim, em sua maioria, os personagens rodriguianos são criaturas que precisam atravessar suas paixões para conseguirem desenvolver o seu processo de humanização. Para Nelson, a verdadeira humanização da criatura humana só é alcançada com sua relação com a transcendência ou, nas palavras de Frankl (1993), o encontro com a dimensão *noética* (espiritual), dimensão propriamente humana que totaliza todas as demais dimensões: dimensão

biológica, dimensão sociológica e dimensão psicológica). Noutro sentido, de acordo com Gallian (2022), o homem moderno, além de poder ser um “homem-máquina”, possui o risco de se desumanizar com os processos da “exacerbação pretenciosa da divinização” e da “degradação aviltante da bestialização”. Portanto, qualquer forma que pretenda lançar o homem em qualquer processo de autossuficiência, inevitavelmente, o levará para a falsificação, bestialização e, conseqüente, malignidade humana.

Ressalta-se que esse atravessamento para resultar na transcendência cristã, obrigatoriamente, deve ser percorrido pelo olhar autêntico e, pelo enfrentamento, de nossa “face hedionda”. Segundo Castro (1997, p. 152), “o ser humano só se salvará se, ao passar a mão no rosto, reconhecer a própria hediondez.”. Pois sem esse embate o homem se dissimula e, conseqüentemente, acreditará em seu falso moralismo, processo de pretenciosa divinização que ocorre em *Perdoa-me por me traíres* (2012), com o farisaico tio Raul, personagem que mata sua cunhada sob o pretexto de defender a honra do irmão, porém, no qual verifica-se que o motivo do assassinato era a sua obsessão pela cunhada.

Além disso, observa-se que outra possibilidade de desumanização que ocorre no transpassar pelos demônios interiores é o ser humano abraçar seus instintos e decair em bestialidade maligna e abismo espiritual. Desta forma, Facina aponta que:

E, no caso de Nelson Rodrigues, são esses instintos, que permanecem em nossas entranhas, que conferem uma dimensão trágica à existência humana. Os instintos, mais do que os conflitos psicológicos, são o que movem os demônios interiores dos homens e determinam seu destino trágico. (FACINA, 2004, p. 263)

Em *Otto Lara Resende ou bonitinha, mas ordinária* (2012), doutor Werneck encarna a autoafirmação da bestialidade e da malignidade, apesar de que ainda possui um desejo oculto pela transcendência e bondade, algo não aceito até o momento em que ele se confronta com a degradação advinda do estupro das irmãs de Ritinha.

Em contrapartida, a salvação para esse problema do mal no drama rodriguiano, se dá com o autorreconhecimento da natureza pecadora, a compaixão para com o próximo e a redenção cristã através do amor de Deus. Vê-se que esse personagem redime sua culpa pela aceitação de seus pecados e pelo sofrimento resultante de seus atos, como ocorre com Edgard e Ritinha, em *Otto Lara Resende ou bonitinha, mas ordinária* (2012). É notável, nessa peça, o influxo criativo de Dostoiévski na redenção rodriguiana, por exemplo, em *Crime e Castigo* (2007). Da mesma forma que Sônia, mulher que se prostitui para sustentar a família, influi na redenção de Raskólnikov, Ritinha será determinante para a salvação de Edgard. Neste sentido, de acordo com Paiva (2018), a transcendência espiritual do homem na obra de Nelson só pode

ser realizada pela capacidade de amar e ser amado e esse dom só pode advir de Deus. Nelson nos diz que toda e qualquer criatura, apesar do pecado mais cruel ou do mal que esteja em seu coração, pode ser salvo. Como nos diz Castro: “Há um momento em que, no meu dilacerado otimismo, imagino que até o canalha e, repito, até o mais degradado dos seres, há de ter uma nesga de azul, um momento de compaixão, um gesto de amor, ou de sonho, ou de pena”. (CASTRO, 1997, p. 35)

Em resumo, este capítulo desenvolveu questões referentes a concepção Rodriguiana de *natureza humana* (e a forte influência da doutrina cristã na formação desse conceito); as divergências do pensamento de Nelson com correntes filosóficas e científicas que entram em choque com sua visão de *liberdade humana* e algumas reflexões sobre a ambivalência trágica e o *processo de humanização cristã* presente na obra do dramaturgo. Para a próxima seção deste estudo, sucederá uma análise do conceito de desvelamento da alma humana na peça *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária* (2012), em que os diversos conceitos, ideias e reflexões que foram trabalhadas, nortearão a análise psicológica das personagens do drama.

6- Desvelamento da alma humana na peça *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária* (2012)

A abordagem deste capítulo se deterá, inicialmente, a respeito da visão geral e leituras da obra em questão, do percurso teórico que fundamenta a pesquisa e por último sobre os personagens que exemplificam a perspectiva examinada. É necessário salientar que os personagens que serão analisados são: Edgard, Ritinha, Maria Cecília, Peixoto, Doutor Werneck e a frase “O mineiro só é solidário no câncer”, pois considera-se que a frase é um dos personagens, quiçá o principal da peça *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária* (2012). Além disso, frisa-se que nesta análise de personagens serão aplicadas ideias que formaram a cosmovisão de Nelson Rodrigues e os conceitos-chave que norteiam a perscrutação psicológica desses personagens neste estudo.

6.1- A peça: *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária* (2012)

A peça possui o título provocativo - *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária* (2012). No qual se utiliza esse recurso em que, inevitavelmente, o espectador se inquieta em saber o porquê do nome de “Otto Lara Resende” (amigo pessoal de Nelson, por quem nutria imensa admiração) e quem é a “Bonitinha, mas ordinária” (artifício literário que prende a curiosidade do espectador até o final da apresentação). Ressalta-se que a primeira encenação ocorreu em 1962 no teatro Maison de France, Rio de Janeiro, e foi dirigida por Martim Gonçalves (RODRIGUES, 2012).

Em resumo, o drama retrata a tortuosa e dolorosa história de amor entre Edgard e Ritinha. Esta trama se inicia em um bar com o diálogo delirante e diabólico entre Edgard (jovem insatisfeito com sua posição social) e Peixoto (genro do milionário Werneck) em que Edgard defende a pessimista frase de que “O mineiro só é solidário no câncer.” frase essa que exprime a posição de que o homem é por natureza canalha, mau-caráter e inescrupuloso. Vejamos um trecho do diálogo: “EDGARD - O Otto é de arder! É de lascar! E o Otto disse uma que eu considero o fino! O fino! Disse. Ouve essa que é. Disse: “O mineiro só é solidário no câncer.” Que tal?” (RODRIGUES, 2012, p. 13). Após essa declaração, Peixoto, em tom mefistofélico, propõe um casamento entre Edgard e a grã-fina Maria Cecília (filha de Werneck que sofreu o estupro coletivo de vários negros e que, por isso, precisa casar para “limpar” o nome da família, pois à época ainda era de costume que as jovens casassem virgens).

Posteriormente, Edgard aceita casar-se com Maria Cecília, mas para isso deve assinar um cheque de cinco milhões de cruzeiros e sofrer as constantes humilhações do doutor Werneck, além disso, Edgard é apaixonado por Ritinha (jovem que se declara como professora,

mas que na verdade, se prostitui para sustentar sua família). A trama começa a sofrer uma reviravolta quando Peixoto apresenta arrependimento por sua corrupção com a família Werneck e por ter levado Edgard para esse casamento, assim, ele revela que o estupro coletivo de Maria Cecília foi um pedido dela e que dissimulara todo aquele comportamento virtuoso para o seu noivo. Logo em sequência, Peixoto, por não suportar o seu amor por Maria Cecília, acaba matando-a e, em seguida, tira a própria vida. Finalmente, a peça termina com a união de Edgard e Ritinha na praia, ele queima o cheque milionário (que representa a sua resposta a sentença de Otto de que “O mineiro só é solidário no câncer”) e os dois acabam juntos contemplando a beleza do sol.

6.2- Um olhar sobre algumas leituras da peça *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária* (2012)

Magaldi (1992) nos diz que o teatro de Nelson Rodrigues é uma meditação sobre o amor e a morte. Dessa maneira, a peça *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária* (2012) é um ótimo exemplo entre as obras rodriguianas que reúne seus temas principais e as ricas variações decorrentes delas. Na *APRESENTAÇÃO DA PEÇA*, de Flávio Aguiar, em *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária* (2012) constata-se tal observação:

Todos os elementos recorrentes em seu teatro comparecem: a sofreguidão explosiva dos desejos reprimidos, a degradação moral quase como um fim em si mesmo, a paixão pela lama espiritual, a ambição desenfreada e a corrupção sem limites. Enfim, estão presentes a carne forte e o espírito fraco dos seres humanos que compõem a tragédia de uma sociedade que abdicou de quaisquer valores éticos e só os mantém como uma fachada para enganar otários. (RODRIGUES, 2012, p. 121)

Outro ponto de notável importância na peça em análise é a variedade de leituras que a obra apresenta. Neste trabalho se demonstrarão brevemente duas interpretações. A primeira é de Flávio Aguiar, na *APRESENTAÇÃO DA PEÇA* e, em seguida, a perspectiva de Magaldi (1992) em *NELSON RODRIGUES: DRAMATURGIA E ENCENAÇÕES*.

A primeira interpretação apresenta uma releitura da mitologia bíblica. Conforme Rodrigues (2012, p. 121), “A situação criada em *Bonitinha, mas ordinária* é paralela a esta, mas de sentido contrário”. Nela utiliza-se do uso de *clichês bíblicos*, como a redenção e o pecado original, o uso de arquétipos de figuras como, Adão, Eva, Lilith, Maria Madalena, entre outros. Assim sendo, aplica-se por analogia o uso de *clichês* da cosmovisão judaico-cristã, como Lopes (1993) adota os *clichês trágicos* na composição de elementos da dramaturgia rodriguiana.

Há uma paródia de dimensões bíblicas nesta construção de Nelson Rodrigues. Reza uma lenda que prosperou durante a Idade Média, baseada numa interpretação de comentário do profeta Isaías (34, 14), que a serpente tentadora de Adão e Eva seria uma primeira mulher daquele, de nome Lilith ou Lâmia. A perda do Paraíso Terreal seria então uma vingança sua pelo desprezo que sofrera. A expulsão do Paraíso se completa pela impossibilidade de voltar, uma vez que o Senhor pôs-lhe diante da porta um querubim com uma espada chamejante. (RODRIGUES, 2012, p. 121)

Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária, nesta perspectiva, apresentará um desfecho um tanto otimista, principalmente, em comparação com a maioria das obras de Nelson Rodrigues. Para Rodrigues (2012, p. 122): “Ambos, portanto, Edgard e Ritinha, são “expulsos” desse Inferno sem saída por um demônio arrependido. Formam o casal de uma nova humanidade, redimida pelo conhecimento do fundo do poço a que pode chegar à alma humana”. Assim, tal leitura pode sugerir uma nova visão sobre a condição da existência humana e suas possibilidades de transcendência. Porém, como será visto mais adiante, o pessimismo antropológico Rodriguiano persiste e mostra que, apesar do casal se redimir pelo amor e a compaixão, ainda vagará pelo “vale de lágrimas”.

A leitura seguinte é apresentada por Magaldi (1992), ela representa um grande debate moral-escatológico de inegável influência Dostoievskiana em que o cenário é a vida prosaica carioca do século XX.

A leitura de Dostoiévski trouxe contribuição fundamental para o pensamento do dramaturgo. Em *Os Demônios*, Kirilov afirma: "Se Deus não existe, tudo é permitido". Contrabalança a vocação para o mal a certeza de uma norma superior, que regeria o universo. Acreditando-se na divindade, tudo não é mais permitido - o homem participa de uma ordem, obedece a preceitos éticos, acredita numa hierarquia de valores que disciplinam o convívio. A moral dá sentido à conduta. (MAGALDI, 1992, p. 71)

Partindo da frase de que o “O mineiro só é solidário no câncer”, reflexo do axioma “Se Deus não existe, tudo é permitido”, os personagens são tragados em limites e contradições inescapáveis, onde eles ou reconhecem o limite ético de suas condutas, em razão do ordenamento moral de Deus ou extrapolam qualquer regra moral e sofrem com o apodrecimento de suas almas. Magaldi (1992) desenvolve a relação entre a dita frase de Otto Lara Resende e o axioma Dostoievskiano. Para ele, “O mineiro só é solidário no câncer” demonstra que o homem é predominantemente mau ou que sempre terá motivações egoístas a não ser que ele esteja no limiar da morte, assim sua solidariedade é uma resposta a sua finitude. Após essas leituras gerais da obra em análise, observaremos a perspectiva do desvelamento da alma humana na peça *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária* (2012).

6.3- O desvelamento da alma humana na peça *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária* (2012)

Para a análise dos personagens, partiremos desta concepção de Magaldi (1992, p. 40): “Na maioria dos casos, porém, as personagens quebram todas as convenções, para revelar-se na íntima nudez, equivalendo ao desnudamento do espectador aos próprios olhos”. Em suma, a perspectiva adotada por este estudo, de Nelson Rodrigues, é o processo de desvelamento ou “desnudamento” psicológico do personagem rodriguiano. Nesse sentido, tomamos esse conceito como balizador ou perspectiva que será desenvolvida nesta análise da peça em questão.

A expressão *desvelamento* pode ser definida como, “Revelar algo que estava oculto.” (DESVELAR, 2023). Assim, essa será a ideia que norteará a análise psicológico dos personagens selecionados. Desta forma, aqui neste estudo, além de buscar ver o que está oculto, buscamos ver aquilo que se esconde. Uma vez que, para o autor em discussão, o pecado está composto na própria tecitura da alma humana e ele, como um médico que utiliza seu bisturi, traz à tona o que há de mais podre e abjeto em seus enfermos. Dessa maneira, como será visto em alguns personagens rodriguianos, muitas vezes para reconhecer melhor do “homem”, temos que conhecer o que há de pior, tal como Pondé (2013) define Nelson Rodrigues como *filósofo moralista*.

Os primeiros personagens a serem analisados são Edgard e Ritinha. Antes de desenvolver qualquer análise, ressalta-se que eles compartilham o mesmo percurso, no sentido, de que ambos revelam uma natureza moral positiva em detrimento de uma superfície negativa, em seguida, serão vistos personagens que fazem um caminho diferente, no sentido de que possuem, predominantemente, aspectos morais negativos, mas podem ou não revelar características positivas. Neste sentido, todas essas personagens partem de um atravessamento de suas paixões, circunstâncias e valores que os farão terem o *desvelamento* de sua natureza humana e, por último, será a analisada sobre uma ótica diversa a frase-personagem: “O mineiro só é solidário no câncer”. Sem mais atraso, partiremos para a análise proposta.

Edgard sofre com o terrível dilema: de se casar com Ritinha (jovem que ama verdadeiramente) ou com Maria Cecília (filha de doutor Werneck) pelo cheque milionário de cinco milhões de cruzeiros. Assim conclui Magaldi (2004, p. 149), “ou ele se verá rico e abjeto ou pobre e redimido aos próprios olhos” ou ainda, segundo Magaldi (2004, p. 147) que “um indivíduo dotado de sólida formação moral repeliria de imediato a proposta e desapareceria o conflito, nos termos em que está colocado. Nelson parte da fragilidade das criaturas, condenadas a um mundo hostil.”. Além disso, soma-se a pobreza e humilhação que sofre Edgar e sua família em que ele não quer repetir o triste fim de seu pai.

EDGARD — Eu faria tudo! Tudo! Com a frase do Otto no bolso, não tenho bandeira. E, de mais a mais, sou filho de um homem. Vou lhe contar. Quando meu pai morreu tiveram de fazer uma subscrição, vaquinha, pra o enterro. Os vizinhos se cotizaram. Comigo é fogo. A frase do Otto me ensinou. Agora quero um caixão com aquele vidro, como o do Getúlio. E enterro de penacho, mausoléu, o diabo. Não sou defunto de cova rasa! (RODRIGUES, 2012, p. 13-14)

Todo esse questionamento acima, sucede a uma conversa de bar entre Edgard e Peixoto em que o primeiro defende entusiasticamente a frase de Otto Lara Resende de que “O mineiro só é solidário no câncer” e depois a define como uma sentença válida para todos os homens.

EDGARD — Mas uma frase que se enfiou em mim. Que está me comendo por dentro. Uma frase roedora. E o que há por trás? Sim, por trás da frase? O mineiro só é solidário no câncer. Mas olha a sutileza. Não é bem o mineiro. Ou não é só o mineiro. É o homem, o ser humano. Eu, o senhor ou qualquer um só é solidário no câncer. Compreendeu? (RODRIGUES, 2012, p. 13)

Após essa conversa mefistofélica com Peixoto, a defesa da frase de Otto e a aceitação da proposta de casamento com Maria Cecília pelo cheque milionário (mas com a presença do impasse com Ritinha), Edgard mergulha em um processo que redefine sua compreensão sobre a sua personalidade e cosmovisão da vida.

Já a personagem Ritinha se desenvolve em um contexto amplamente desfavorável do ponto de vista social, econômico e familiar. A mãe de Ritinha (D. Berta) é acusada de um desfalque na Companhia de Correios e Telégrafos. A filha, Ritinha, na tentativa de absolver a mãe se entrega ao ato sexual com o presidente da comissão de inquérito (situação que poderia levar o leitor a achar que Ritinha é a *Bonitinha, mas ordinária*). Contudo, ele não cumpre a promessa e, logo em seguida, D. Berta fica louca e Ritinha tem de se prostituir para pagar a dívida e sustentar a família. Magaldi tece um comentário importante:

Ritinha desenvolve a matéria de outras heroínas rodriguianas, desde as irmãs de *Os sete gatinhos*, que se prostituem para preservar o matrimônio da caçula Silene. Na

peça anterior, três irmãs guardam a virgindade de uma. Aqui, é uma, Ritinha que defende a pureza de três, além de sustentar a mãe. (MAGALDI, 2004, p. 149)

Nesse cenário, Ritinha conhece Edgard e mente dizendo a ele que trabalha como professora. Os dois se apaixonam, mas em razão do cheque milionário e do casamento com Maria Cecília, ele afasta-se, momentaneamente, de Ritinha.

Estruturado esse contexto no qual se encontram Edgard e Ritinha (como outros personagens rodriguianos), seria possível compreendê-los, inicialmente, como personagens que em decorrência de suas construções narrativas não apresentariam características que os enquadrariam em uma perspectiva de *desvelamento da alma humana*. No sentido de que eles não possuem potencialidades de autodeterminação na transformação das suas vidas e, assim, não demonstrariam outras camadas psicológicas. Pode-se conceber que eles parecem estar determinados por fatores que dirigem seus destinos (como a frase de Otto, o cheque milionário, a prostituição e a pobreza de suas famílias) e que definem de forma maniqueísta suas personalidades, como um canalha inescrupuloso ou, no caso de Ritinha, uma prostituta destituída de nobreza moral.

Contudo, existem dois fatores que foram examinados anteriormente e que são caros ao estudo em análise. São eles: a *liberdade humana* e a *ambivalência trágica da natureza humana*. Para Nelson Rodrigues, como para Agostinho (1995), o livre-arbítrio é entendido como meio em que o homem tem o poder de opção e decisão, exercido através de sua vontade. Desta forma, mesmo sendo sujeito a fatores sociais, econômicos ou morais, ele não se reduz a um produto determinado. De outro modo, seria possível colocar esses fatores como decisivos ou até fatalistas (como a vontade dos deuses gregos) para um fim trágico de Edgard ou Ritinha, semelhante a posição de Facina (2004) que coloca os demônios interiores como determinantes para o final trágico dos personagens Rodriguianos.

É importante frisar que, mesmo as tragédias gregas (que como foi visto, influíram na estética rodriguiana), não obstante todo seu contexto fatalista, não retiram a possibilidade de uso da liberdade humana. Para confirmar, segue-se a análise de Szondi (2004) sobre a presença da liberdade na tragédia ática.

O fato de o criminoso ser punido, apesar de ter tão-somente sucumbido ao poder superior do destino, era um reconhecimento da liberdade humana, uma honra concedida à liberdade. A tragédia grega honrava a liberdade humana ao fazer seu herói lutar contra o poder superior do destino: para não ultrapassar os limites da arte, tinha de fazê-lo sucumbir, mas, para também reparar essa humilhação da liberdade humana imposta pela arte, tinha de fazê-lo expiar - mesmo que através do crime perpetrado pelo destino... Foi grande pensamento suportar voluntariamente mesmo a punição por

um crime inevitável, a fim de, pela perda da própria liberdade, provar justamente essa liberdade e perecer com uma declaração de vontade livre. (SZONDI, 2004, p. 29)

Como já foi demonstrado em Lopes (1993) que a obra de Rodriguiana sofre a influência da tragédia grega, é visto que Nelson, apesar de colocar um contexto trágico para suas personagens, também traz à tona a faculdade de escolha e a possibilidade de autodeterminação de seus personagens.

Dessa maneira, na dramaturgia de Nelson Rodrigues observa-se que apesar do personagem viver em um universo com características trágicas (o que poderia levar ao preconceito de que o personagem está fatalmente preso a fatores que o enredam), ele possui a liberdade de escolher, agir e construir a realidade circundante. Pois assim é o que ocorre a Edgard ao negar o casamento com Maria Cecília, o emprego e o cheque de doutor Werneck para ficar junto de Ritinha, mesmo tendo o pleno conhecimento de que viverá uma vida difícil e de extrema pobreza. Vejamos o entendimento de Edgard:

EDGARD — Vamos começar sem um tostão. Sem um
tostão. E se for preciso, um dia, você beberá
água da sarjeta. Comigo. Nós apanharemos
água com as duas mãos. Assim. E beberemos
água da sarjeta. Entendeu? (RODRIGUES, 2012, p. 118)

Outra manifestação do exercício do livre-arbítrio ocorre com a atitude de Ritinha que, como já foi dito, se prostitui (atividade mal vista sob o aspecto moral-religioso), mas que faz tal ocupação no intuito de sacrifício e doação de seu corpo para a sustentação da família. De acordo com Magaldi (2004, p. 150): “Ritinha substitui à mãe, nos encargos domésticos, e, pretende realizar nas irmãs o que a vida lhe negou”. Outrossim, observa-se como evidência da incorruptibilidade moral de Ritinha, apesar da prostituição e do meio pecaminoso a sua volta, a sua aceitação de ficar com Edgard: - “ao abandonar-se ao amor por Edgard, consagra outra forma de virgindade: obrigada a mercantilizar o ato sexual, reservou para ele o primeiro prazer que sentirá” (MAGALDI, 2004, p. 150). Vejamos a seguinte passagem.

(Ritinha e Edgard correm. Estão na calçada.)

EDGARD

(delirante) — Estou só, Ritinha! Não sou mais
noivo!

RITINHA

(maravilhada) — Brigou?

EDGARD — Olha pra mim. Pra minha cara. Eu sou outro.

E quero você.

RITINHA — Meu bem, você está exaltado!

EDGARD — Exaltadíssimo! Vou te levar. Vem comigo.

RITINHA — Pra onde?

EDGARD — Sei lá. Qualquer lugar. Ou tem medo? Vem!

RITINHA — Vou.

EDGARD — Linda!

RITINHA

(ofegante) — Eu queria ser tanto de um só!

EDGARD — Está amanhecendo, Ritinha. No mar. Vem ver.

(Os dois caminham pela calçada. A rua acaba na praia. Correm na direção do mar. Edgard arranca os próprios sapatos. Ritinha o imita. Atiram os sapatos para o ar. Edgard vai um pouco na frente.)

RITINHA — Eu não tive.

EDGARD

(na frente) — O quê?

RITINHA — Não posso falar alto.

EDGARD — Grita.

RITINHA

(gritando) — Nunca tive prazer com homem

nenhum! Você vai ser o primeiro. (RODRIGUES, 2012, p. 116-117)

Partindo para o que concerne a concepção que aqui se define como *ambivalência trágica da natureza humana*, Facina (2004) observa que na compreensão da antropologia rodriguiana sempre coexistem dualidades inerentes a natureza humana.

Essa antropologia rodriguiana possui algumas características importantes. Uma delas diz respeito à identificação de uma dualidade inerente a essa natureza. A natureza humana é formada por aspectos demoníacos e divinos, por instintos animais e sentimentos sublimes, pelo mal e pelo bem. (FACINA, 2004, p. 261)

No sentido de reforçar a concepção construída por Nelson Rodrigues sobre essa ambivalência da natureza humana, recorreremos a Dostoiévski (2001). Ele defende que a essência e os mistérios da existência do homem estão nas aparentes contradições, que na verdade, são “os extremos que se tocam” - a elevação do “ideal de Madona” (o aspecto divino) e o rebaixamento do “ideal de Sodoma” (o aspecto demoníaco).

Os extremos se tocam: todas as contradições vivem juntas. Eu sou muito inculto, meu querido, mas pensei muito sobre isso. há tantos mistérios! Tantos enigmas aterram o

homem na terra. Solucione-os como quiser e saia seco das águas... A beleza! O que não posso suportar é que o homem de coração elevado, dotado de tanta inteligência, a princípio é o ideal da Madona e no final é o ideal de Sodoma. E coisa mais aterradora ainda: quem já leva o ideal é Sodoma. E coisa mais aterradora ainda: quem já leva o ideal de Sodoma, em sua alma, tampouco rejeita o ideal da Madona; o coração arde por ela e queima em verdade, em verdade, como seus jovens anos verdes, inocentes. Não, a natureza do homem é vasta, muito vasta mesmo, eu desejaria restringi-la. Isso é intolerável! O que parece ser uma vergonha para a razão, é uma beleza para o coração. (DOSTOIÉVSKI, 2001, p. 123)

Como está sendo visto nesta análise, todo o conjunto de personagens do universo ficcional rodriguiano possui uma variação psicológica que vai de personagens com características divinas até personagens com traços asquerosos, no qual, esses aspectos sempre se confluem. Assim, o modelo divino sempre terá (nem que seja uma mancha) de pecado e, da mesma forma, o modelo demoníaco terá (uma centelha) de virtude.

De forma diversa do desenvolvimento de Ritinha têm-se a personagem Maria Cecília. A filha da família Werneck percorre um caminho paralelo ao de Ritinha, mas contrário, em relação a sua constituição moral-psicológica. Vindo de uma família rica, a jovem Maria Cecília foi tida como vítima de estupro de vários crioulos em local deserto. Como na época o casamento só poderia ser realizado se a noiva fosse virgem, a família dela teve que arranjar um casamento com Edgard pelo cheque de cinco milhões de cruzeiros. A trama sofre uma reviravolta quanto Peixoto revela a Edgard que a curra sofrida por Maria Cecília, na verdade, foi uma armação consentida por ela. Então, desta forma, revela-se que a jovem que parecia uma vítima cândida, de fato, tratava-se de uma manipuladora imoral. Magaldi assevera: “Mais do que o pai ou o amante Peixoto, Maria Cecília vive a inteira degradação moral”. (MAGALDI, 2004, p. 154).

A personagem Maria Cecília em contraposição a Edgard e Ritinha, representa um processo de revelação de uma natureza má, lasciva e dissimulada. Maria Cecília é a “*Bonitinha, mas ordinária*”, ela manipula diversas pessoas para realizar seus perversos desejos em uma espécie de bestialização voltada para os instintos. Em relação a análise da personagem, essa leitura converge para o entendimento de Facina (2004), ou seja, o fim trágico de Maria Cecília é determinado pelos seus instintos. Entretanto, a perspectiva aqui adotada neste estudo defende que o instinto (ou o *páthos*, como já foi usado como termo correspondente) é um meio que pode levar o personagem para o processo de humanização ou desumanização, mas não necessariamente à desumanização. Assim sendo, a degradação de Maria Cecília advém das escolhas de sua inobservância da moralidade e de sua entrega bestial aos instintos.

O próximo personagem que será analisado é Peixoto. A sua trajetória é comparável à de Maria Cecília, exceto, no sentido de que Peixoto incorpora a autoafirmação de ser canalha

(apesar de demonstrar alguma característica de bondade) e Maria Cecília dissimula sua degradação moral até a sua morte. Magaldi (1992, p. 71) diz: “ele é o canalha convicto, que proclama em cima da mesa a sua condição. Aparenta-se a orgulho a franqueza do seu grito inequívoco, dizendo-se canalha de boca cheia”. Segundo Rodrigues (2012, p. 72): “PEIXOTO — Mas hoje em dia. Escuta. No Brasil, quem não é canalha na véspera, é canalha no dia seguinte”. Em resumo, a história de Peixoto é que ele foi contínuo do doutor Werneck e aceitou se casar com sua filha Tereza (apesar de sua paixão por Maria Cecília) por interesse no dinheiro da família. No decorrer do enredo, ele ajuda Maria Cecília a realizar seu suposto estupro e depois arranja seu casamento com Edgard, mas, em um certo momento, Peixoto arrepende-se dos males praticados e desmascara a *Bonitinha, mas ordinária* e, logo após, mata-a e se mata.

É notório que Peixoto é a representação rodriguiana de que até o pior canalha possui uma marca de bondade e que não existe o canalha integral. Ele demonstra essa atitude em impedir a continuidade dos planos pérfidos de Maria Cecília e, em consequência, a libertação de Edgard para viver com Ritinha. Vejamos:

PEIXOTO — Edgard, eu sou “Cadelão”! Era assim que me chamavam no colégio. Meu apelido de colégio!

MARIA CECÍLIA

(recuando) — Ele vai mentir!

EDGARD — Peixoto, eu não admito.

PEIXOTO

(desatinado) — Eu não sou tão canalha, porque vou impedir teu casamento. Larga essa mulher,

Edgard! Foge dessa casa! (RODRIGUES, 2012, p. 110)

Assim, como foi mostrado, a transformação de Peixoto se completa com a escolha de sua destruição e a de Maria Cecília. Segundo Magaldi (2004, p. 151), “(...) Peixoto reconhece que nem ele nem Maria Cecília merecem viver. E mata-a e se mata, purgando todos os males.”. Magaldi (1992) Também defende que Peixoto, pelo motivo da inconsistência de sua crença de que tudo é permitido, ele, ao matar Maria Cecília e se matar, comprova a existência de Deus.

Seguindo a análise dos personagens, dá-se início a análise de Dr. Heitor Werneck. Ele pode ser visto como um personagem que além de se orgulhar de sua canalhice é um homem que, em razão de seu poder, acredita dominar as frágeis e enganadoras regras da moralidade humana. Conforme Magaldi (2004), Werneck poderia ser definido desta forma: “Caberia

chamá-lo cínico, pela lucidez franca em utilizar as regras do jogo. D. Heitor Werneck tem conhecimento profundo do homem, só que de sua natureza abissal. A dimensão ética há muito lhe parece engodo.” (MAGALDI, 2004, p. 151).

Dessa forma, verifica-se que Werneck tem conhecimento da natureza degradada do homem, manifestada por sua necessidade materialista e falsidade moral. Este personagem, por possuir poder financeiro, reflete bem a crítica de Nelson Rodrigues de que o progresso científico-material contribui para o aviltamento moral do indivíduo, como nos mostra este trecho:

RITINHA (sem ouvi-lo e como se falasse para si mesma) — E eram virgens. Eu caí na putaria para que elas, ao menos, elas, se casassem, direitinho. (pondo-se de gatinhas, como uma cadela enfurecida) E vocês! Vocês defloraram! (soluçando) — Eu não tenho mais nada na vida!

WERNECK — Eu dou dinheiro. Dinheiro grande!

RITINHA

(enlouquecida de ódio e esganiçadíssima)

— Eu quero minhas irmãs virgens!

WERNECK

(berrando) — Sua besta! Eu te dou as tuas irmãs virgens, pronto. Dou!

RITINHA

(atônita) — Virgens?

WERNECK

(furioso) — Cala a boca! Mania! (muda de tom) Eu tenho um médico. Médico fabuloso. E faz isso com um pé nas costas.

RITINHA — Isso o quê?

WERNECK — Ganha um dinheirão, o sujeito, restaurando virgindade. Ele faz um retoque, no local. Uma costurazinha, dá uns pontos. Coisa à toa. E a pequena sai mais virgem do que entrou!

RITINHA

(num desespero maior) — Vocês arrebentaram

minhas irmãs!

WERNECK — Nada disso. Sangrou porque é natural. É isso mesmo. Mas olha. A hemorragia já parou.

Mandei levar tuas irmãs em casa, de automóvel. O médico já foi pra lá. Está lá.

Ritinha, quero ser bom com você, com suas irmãs. Elas vão se casar. E o marido não vai

perceber tostão de coisa nenhuma. Eu me responsabilizo. Na noite do casamento. O

negócio vai sangrar até mais. Você vai ver. (RODRIGUES, 2012, p. 104-105)

Em outro momento, ele replica para Edgard; “- Engano. No Brasil, todo mundo é Peixoto”. (RODRIGUES, 2012, p. 55). Assim, ele nivela todos os seres humanos pela completa imoralidade da motivação de seus atos e se orgulha de produzir cenários de degradação como a sessão de “psicanálise de galinheiro” ou o citado estupro das irmãs de Ritinha. Por fim, vê-se que essa total permissividade se une ao contexto apocalíptico da segunda metade do século XX, que de acordo com Rodrigues (2012, p. 121): “Completam esse quadro de degradação a moldura desenhada pela Guerra Fria e a ameaça da destruição atômica que intensifica a sensação de que, neste momento agônico da humanidade, “tudo é permitido”. Ou nas palavras de Dr. Werneck:

WERNECK — Um momento! Quero dizer o seguinte. Cala a boca. Esse negócio de guerra nuclear. Sei lá se daqui a 15 minutos. Quinze minutos. Vou levar um foguete russo pela cara. Estou dando adeus. Adeus à minha classe, ao meu dinheiro.

Estou me despedindo. Posso ser, de repente, uma Hiroshima. Hiroshima, eu. Eu, Nagasaki.

Portanto, hoje vale tudo! Tudo! (RODRIGUES, 2012, p. 98)

Mesmo Werneck possuindo tantas características que o mergulham numa jornada de desumanização e aniquilamento (que se não for total, como em Maria Cecília e Peixoto, ao menos se dá em sua natureza interior), o autor demonstra a sua autopunição pelos males perpetrados e a necessidade de transcendência, como expõe Rodrigues (2012, p. 101), “(...) Mas antes, me xinga! Me dá na cara!”, como também em:

(Mudança para casa de dr. Werneck. D. Lígia, vestida para dormir, à espera do marido. Werneck chega da farra hedionda. Saturado de abjeção.)

WERNECK — Acordada?

D. LÍGIA (doce) — Te esperando, meu amor.

WERNECK

(com um humor triste) — Quer dizer que eu sou amor de alguém?

D. LÍGIA — Meu.

WERNECK — Ainda?

D. LÍGIA — Sempre.

WERNECK — Lígia, eu queria que você me dissesse.

Dissesse, agora, neste momento, que eu sou bom.

D. LÍGIA (na sua emoção contida) — Você é bom, Heitor.

(Werneck escorrega ao longo do corpo da mulher. Agarrado às suas pernas, repete.)

WERNECK — Eu sou bom, Lígia, eu sou bom! (RODRIGUES, 2012, p. 106, *grifo nosso*)

Enfim, o último personagem a ser examinado é a frase “O mineiro só é solidário no câncer”. Observa-se que em um primeiro momento um dos pontos que pode chamar a atenção do leitor é por que considerar essa frase como um dos personagens principais da peça? De acordo com Magaldi (2004): “Nelson explicou, no programa do espetáculo, que “a frase é a grande personagem, a Isolda, a Joana D’Arc da minha peça”. No decorrer do diálogo, Edgard afirma que ela é mais importante do que *Os sertões*, de Euclides da Cunha, e do que todo Machado de Assis”. (MAGALDI, 2004, p. 148)

Indo de encontro ao ponto fulcral, a perspectiva de *desvelamento* se aplica na frase, em relação, ao processo de transformação que ela produz nos demais personagens envolvidos. Vê-se que a frase coloca o personagem em uma situação limite em que ele é obrigado a adentrar nas suas camadas mais profundas para revelar a sua verdadeira natureza. Também, é visto que a frase vai sofrendo mutação de sentido no transcorrer da peça, pois, por exemplo, indiretamente, ela vai fazer com que Edgard descubra uma faceta de sua natureza que ele ignorava e trará uma nova visão sobre sua vida, apesar da tragicidade essencial da existência humana. Em resumo, inicialmente, a frase de Otto se apresenta como uma aceitação de uma teoria pessimista da natureza humana, mas ao final, ao ser destruída, constrói-se uma nova concepção de vida.

Para compreender melhor esta frase que vai se redimensionando no transcorrer de todo conflito e que vai produzindo contornos pessimistas, pode-se recorrer a leitura de Magaldi (1992) que demonstra que sem a consciência da finitude, o homem não apresentaria solidariedade para com o próximo. Examinemos:

Bonitinha, Mas Ordinária ou Otto Lara Resende é, em grande parte, uma variação sobre a frase dostoiévskiana, feita a partir de outra frase dita pelo autor de O Braço Direito, erigido em título da peça: "o mineiro só é solidário no câncer", isto é, não há solidariedade, a não ser no momento extremo, em que está decretada a morte. Para que prevaleçam os bons sentimentos, é necessária a chamada à certeza da morte. Numa outra leitura, pode-se afirmar que o homem se abre à solidariedade pela consciência da finitude. (MAGALDI, 1992, p. 71)

Desta forma, é visto que Nelson Rodrigues, à maneira de Dostoiévski (2001), dá importância em sua obra, a um profundo debate moral-ideológico que reverbera em situações extremas da existência humana. Nessa frase, o autor mergulha em um cenário que, em regra, o ser humano só é bom em situações extremas, e que sem elas as regras da moralidade não se sustentariam. Em outro momento, Magaldi (2004) expõe:

Decomposta, ela exprime que a solidariedade prevalece apenas nas situações extremas. Na faina diária da sobrevivência, impera o vale-tudo, isto é, nenhuma norma ética rege a conduta humana. Por isso a possibilidade de se chafurdar o lodo, a degradação absoluta, a recusa a qualquer transcendência. (MAGALDI, 2004, 148)

Diante dessas considerações que ecoam pela frase e permeiam todo drama, pode-se refletir por qual razão *Bonitinha, mas ordinária ou Otto Lara Resende*, apesar de ser a primeira das poucas peças com desfecho otimista, revela uma visão pessimista e trágica da existência humana. Primeiramente, é notado que Nelson, para dar uma cosmologia trágica a *Bonitinha, mas ordinária ou Otto Lara Resende* (ideia que é constante em toda sua obra), não vai de encontro aos moldes trágicos aristotélicos. Vejamos o que Aristóteles (2008) prevê como características da tragédia.

É, pois, forçoso que um enredo, para ser bem elaborado, seja simples de preferência a duplo, como pretendem alguns, e que a mudança se verifique, não da infelicidade para a ventura, mas, pelo contrário, *da prosperidade para a desgraça*, e não por efeito da perversidade, mas de um erro grave, cometido por alguém dotado das características que defini, ou de outras melhores, de preferência a piores. (ARISTOTÉLES, 2008, p. 6, grifo nosso)

De acordo com essa compreensão, Nelson Rodrigues ressignifica a ideia de tragédia, pois mesmo os personagens principais (Edgard e Ritinha) não tendo um percurso trágico, como defende Aristóteles (2008), que vai “da prosperidade para a desgraça”, porém, tampouco, vão “da infelicidade para a ventura”. Ainda se observa que apesar dos personagens Maria Cecília e Peixoto passarem de uma situação favorável para um fim trágico, o casal Edgard e Ritinha têm um desfecho consideravelmente otimista, porém com um pano de fundo essencialmente trágico

(como será visto, logo adiante). Novamente, recorremos a Magaldi (2004) para discutir essa questão.

O significado dessa solução atende a outro reclamo da personalidade do autor. Está em jogo sua profunda personalidade moral. A condição humana, por certo, é trágica. A realidade destrói qualquer sonho. O homem não comanda a sua vida, na medida em que fatores imprevisíveis (a bomba atômica a que se refere Werneck, por exemplo) podem ceifá-la. A morte nega o anseio de eternidade. O efêmero é a única matéria concreta.” (MAGALDI, 2004, p. 158)

Neste contexto, é mister verificar como se plastifica a decisão de Edgard sobre a frase e o desfecho de Edgard e Ritinha na peça.

EDGARD — Está vendo isso aqui?

RITINHA — O que é?

EDGARD (exaltadíssimo) — O cheque! O tal cheque!

Cinco milhões de cruzeiros!

RITINHA — Cinco milhões!

EDGARD — Cinco milhões. E vou queimar.

RITINHA — Escuta.

EDGARD — Fala.

RITINHA — É muito dinheiro. E você não acha que.

EDGARD (contido) — Continua.

RITINHA (travada) — Vamos viver juntos. E esse dinheiro.

EDGARD — Acaba!

RITINHA — Esse dinheiro pode ser importante para nós.

EDGARD — Vamos começar sem um tostão. Sem um

tostão. E se for preciso, um dia, você beberá

água da sarjeta. Comigo. Nós apanharemos

água com as duas mãos. Assim. E beberemos

água da sarjeta. Entendeu? Agora olha.

(Edgard acende o isqueiro e queima o cheque até o fim.)

EDGARD — Está morrendo! Morreu! A frase do Otto!

(Os dois caminham de mãos dadas, em silêncio. Na tela, o amanhecer no mar.)

RITINHA — Olha o sol!

EDGARD — O sol! Eu não sabia que o sol era assim!

sol! (RODRIGUES, 2012, p. 117-118)

Desse modo, no diálogo entre Edgard e Ritinha é visto que Nelson preserva a sua cosmovisão trágica. Observa-se que Edgard e Ritinha não terão um *happy end* (como defende Magaldi (2004)), apesar de ficarem juntos e renovarem suas vidas, e o futuro deles será de extremo sofrimento e pobreza no qual “beberão da água da sarjeta”.

Para Nelson Rodrigues, mesmo o homem possuindo a possibilidade de salvação a sua passagem no mundo sempre será marcada por uma realidade trágica. Dessa maneira, apesar de *Bonitinha, mas ordinária ou Otto Lara Resende* demonstrar uma visão consideravelmente otimista, a peça revela uma concepção essencialmente trágica, como entende Steiner (2006): “O que eu identifico como “tragédia” em sentido radical é a representação dramática ou, mais precisamente, a prova dramática de uma visão da realidade na qual o homem é levado a ser um visitante indesejável no mundo”. (STEINER, 2006, p. XVIII). Dessa forma, em toda obra de Nelson é vista essa situação do homem ser indesejável no mundo, como ele mesmo afirma:

O mundo é a casa errada do homem. Um simples resfriado que a gente tem, um golpe de ar, provam que o mundo é um péssimo anfitrião. O mundo não quer nada com o homem, daí as chuvas, o calor, as enchentes e toda a sorte de problemas que o homem encontra para a sua acomodação, que, aliás, nunca se verificou. O homem deveria ter nascido no Paraíso. (CASTRO, 1997, p. 115)

Partindo para outras extensões sobre a frase de Otto, é visto que acima de quaisquer personagens, Edgard é o que é atravessado mais visceralmente pelo axioma de que “O mineiro só é solidário no câncer”. Ele é submetido a levar a frase as últimas consequências, pois a sua vida (em relação aos seus atos) e a sua forma de compreensão do sentido de existir são definidas pelas suas escolhas perante a frase. Nesta compreensão, em Nelson, o homem é confrontado consigo mesmo. O personagem é posto em um limite escatológico⁶, ele é o responsável por sua salvação, haja vista, que o uso de teorias e mentiras não conseguem superar a angústia de ver sua alma desnuda e, em consequência, a demonstração de sua culpa.

Em suma, toda a trajetória de Edgard (sem contradizer a cosmologia trágica rodriguiana) pode ser entendida como uma resposta de Nelson a possibilidade de humanização do personagem, apesar de todos as ideias, fatores e condições que levam o homem ao pecado e rebaixamento de sua existência. Destarte, esse personagem é a representação de que o homem mesmo possuindo o pecado, e, aliás, acreditando falsamente de que esta falta será o motivo de sua glória na vida terrena, poderá se arrepender a qualquer tempo e transcender sua existência.

⁶ Escatologia (do grego antigo εσχάτος, "último", mais o sufixo -λογία, "estudo") significa estudo do último, do fim dos tempos. A expressão “limite escatológico” aqui refere-se aos últimos limites ou as últimas consequências que o personagem se encontra na trama.

Raciocínio de inequívoca origem cristã, concedendo ao homem ponto de partida moral, capaz de resgatá-lo, em qualquer tempo. A mais torpe das criaturas (uso um dos qualificativos preferidos de Nelson) teria a possibilidade de arrepender-se, salvando-se em consequência e dar testemunho sobre o transcendente. (MAGALDI, 1992, p. 70)

Assim, no que diz respeito a frase, é visto que apesar de todas as reverberações pessimistas que transcorrem em *Bonitinha, mas ordinária ou Otto Lara Resende*, observa-se que Nelson Rodrigues, baseado em sua crença cristã na salvação humana, não torna impossível a transcendência mesmo reconhecendo a tragicidade da condição humana. Segundo Magaldi, “Derivação do conceito dostoiévskiano, segundo o qual “Se Deus não existe, tudo é permitido” (...) Dilema ético muito caro ao substrato cristão do dramaturgo, em que a vitória do bem não esconde a tragicidade do destino, ainda que enalteça a transcendência da criatura humana”. (MAGALDI, 2010, p. 35).

Portanto, a frase em sua destruição, desvela o poder humano de não se sujeitar ao desregramento moral e restaurar uma vida que não é determinada por sua natureza pecadora. Nesse sentido, defende este autor: “mas, amplamente, cabe admitir que, destruída a frase, se acreditará que a bondade tem força para reger os destinos humanos. A convivência não precisa aparentar-se à selva”. (MAGALDI, 1992, p. 71).

Neste contexto, constata-se que na perspectiva de *desvelamento da natureza humana* tanto o exercício da liberdade é um fator que possibilita e enriquece a complexidade psicológica dos personagens, como também, se destaca que a concepção da ambivalência psicológica não nega o uso da liberdade humana, mas ao contrário, à coloca em posição escatológica frente as diversas possibilidades humanas. No que se refere a frase-personagem: “O mineiro só é solidário no câncer” é visto que o ser humano, apesar da tragicidade da existência, pode humanizar-se. Nesse sentido, o homem trágico, segundo Figueiredo (2007, apud SILVA, 2009, p. 258), transita entre extremos, contradições, polos e, logo, depreende-se que essas variações necessitam da liberdade, senão a própria possibilidade de transformação humana se impossibilitaria.

Por fim, observou-se que esta forma de revelação das camadas e do percurso psicológico desses personagens mostram-se possíveis com a utilização dos conceitos: Ambivalência trágica da natureza humana e livre-arbítrio. Em caso contrário, seria visto nessas figuras um imobilismo de desenvolvimento psicológico e um maniqueísmo empobrecedor. Por outro lado, portanto, o que é visto é uma riqueza de tipos, comportamentos e contradições que em um primeiro

momento podem parecer excessos extraliterários, mas que na verdade são profundas análises da psicologia humana construídas pelo autor em análise.

7- Considerações finais

Nelson Rodrigues, em sua vasta composição literária, construiu seu universo ficcional através da sua concepção do mundo real, assim, para ele realidade e arte se confundiam, uma vez que uma sempre influenciava a outra. Nesse sentido, levando-se em consideração essa posição, este estudo abordou a perspectiva que aqui se define como o “desvelamento da alma humana na peça Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária”. Nesse cenário, seus personagens se caracterizaram pela profunda densidade psicológica em que as camadas da alma são descobertas e revelam aspectos da natureza humana. Assim sendo, eles possuem a liberdade de se verem e se conciliarem com o que realmente são. Para o dramaturgo pernambucano, o homem é um artista de si mesmo e ele deve percorrer o seu processo de humanização. Pois, como em Dostoiévski (2001), para Nelson, o homem sofre um embate constante entre o divino e o demoníaco em sua alma. Nessa luta ele percorre limites escatológicos, posições em que é levado até as suas últimas consequências, na qual os personagens nunca acreditariam que seriam capazes de fazer o que fizeram, ou seja, pontos em que o ser humano conhece da sua face mais degradante até a mais sublime.

Neste trabalho foram traçados pontos que corporificam a estrutura desta pesquisa. Primeiramente, aplicou-se a perspectiva de Nelson Rodrigues como um anatomista da alma humana. Assim, nele temos um investigador que perscruta as marcas que compõem a natureza do homem, sobretudo, às que inutilmente recusa-se a enxergar. Outro ponto que auxiliou a construção do presente estudo foi o exame das ideias que formam a cosmovisão trágica rodriguiana, aqui nos detivemos a verificar como o autor assimilou a influência pessimista das tragédias gregas e da tradição judaico-cristã na sua obra. Por último, tem-se a discussão de como Nelson Rodrigues compreende a alma humana (marcada pela ideia de pecado original) e como ele vê o processo de humanização do homem.

Acerca da análise central deste estudo, foram realizadas investigações psicológicas dos personagens: Edgard, Ritinha, Peixoto, Maria Cecília, Dr. Werneck e a frase de Otto – “O mineiro só é solidário no câncer”. Haja vista, tomou-se como conceitos principais para o exame desses elementos: o livre-arbítrio agostiniano e a perspectiva da ambivalência trágica da natureza humana. Nesse sentido, verificou-se que através desta leitura os personagens apresentaram uma capacidade de autodeterminação e autoconhecimento que enriquece a análise da complexidade psicológica dos personagens rodriguianos.

Em síntese, foi visto que no decorrer deste estudo foram desenvolvidos e criados conceitos que objetivam o esclarecimento da perspectiva do “desvelamento da alma humana na peça Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária (2012)”. Contudo, neste âmbito, além de desenvolver resultados concordantes com outras abordagens que suscitaram esse trabalho, também se verificou divergências de análise que enriqueceram o debate proposto. Assim, demonstra-se que a perspectiva aqui adotada, construiu novas reflexões sobre a compreensão rodriguiana da natureza humana e que este processo de análise literária pode produzir novas perspectivas de leitura sobre sua obra.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. Teoria estética. Trad. Artur Morão. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2008.
- AGOSTINHO, Santo. O livre arbítrio. Trad. Nair de Assis Oliviera. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- ARISTÓTELES. Poética. Tradução e notas: Ana Maria Valente. 3. ed. Lisboa, 2008.
- CASTRO, Ruy. Flor de Obsessão: as 100 melhores frases de Nelson Rodrigues. 1 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.
- CHAUÍ, Marilena. Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.
- DESVELAR. *In*: Michaelis On-line. Disponível em: <[Desvelar | Michaelis On-line \(uol.com.br\)](http://Desvelar|MichaelisOn-line(uol.com.br))>. Acesso em 07 de novembro de 2022.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. Crime e castigo. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. 5^a. ed. São Paulo: 34, 2007.
- _____. Os irmãos Karamázov. Trad. Natália Nunes e Oscar Mendes. 3. ed. Rio de Janeiro: EDIOURO, 2001.
- _____. Memórias do subsolo. Tradução Boris Schnaiderman. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- FACINA, Adriana. Santos e canalhas: Uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- FILHO, Clóvis de Barros; PONDÉ, Luis Felipe. O que move as paixões. 1. ed. Campinas: Papyrus 7 mares. 2017.
- FRANKL, Viktor Emil. A presença ignorada de Deus. 3. ed. Petrópolis: Vozes. 1993.
- FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos. Volume XXI (1927-1931). Tradução: James Strachey. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996.
- _____. (1913). O interesse científico da psicanálise. In: _____. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Vol. XI. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GALLIAN, Dante. *É próprio do humano: uma odisseia do autoconhecimento e da autorrealização em 12 lições*. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.

HOBBS, Thomas. *Do Cidadão*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

LA ROCHEFOUCAULD, François de. *Reflexões ou sentenças e máximas morais*. Tradução: Rosa Freire D'Aguiar. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics, Companhia das Letras, 2014.

LOPES, Ângela Leite. *Nelson, Rodrigues: trágico, então moderno*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Tempo brasileiro, 1993.

MALGADI, Sábato. *Moderna Dramaturgia brasileira: primeira série*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. *Nelson Rodrigues: dramaturgia e encenações*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

_____. *Teatro da obsessão: Nelson Rodrigues*. 1 ed. São Paulo: Global, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhem. *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e Pessimismo*. tradução, notas e posfácio: J. Guinsburg. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

PAIVA, Thalles Valente de. **Tragédia e o Trágico: Nelson Rodrigues e a vida como ela é... no período 2018**. Trabalho de conclusão de curso (monografia) - Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, p. 134. 2018.

PONDÉ, Luiz Felipe. *A filosofia da adúltera: ensaios selvagens*. 1. ed. São Paulo: LeYa, 2013.

_____. *Contra um mundo melhor: ensaios do afeto*. 1. ed. São Paulo: Leya, 2010.

RODRIGUES, Nelson. *Álbum de família*. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.

_____. *Anjo negro. Nelson Rodrigues: teatro completo*. Organização de Sábato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

_____. *O beijo no asfalto*. In: *Teatro completo: tragédias cariocas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

_____. *Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas Ordinária: peça em três atos: tragédia carioca*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

_____. *Os 7 gatinhos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

_____. Perdoa-me por me traíres: tragédias de costumes em três atos: tragédia carioca. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

_____. Toda nudez será castigada. Teatro completo 4: tragédias cariocas II. Organização e introdução de Sábato Magaldi. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Do Contrato Social: Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

STEINER, George. A morte da tragédia. Tradução: Isa Kopelman. São Paulo: Perspectiva, 2006.

SILVA, Francisco da Cunha. **O TRÁGICO COMO CONDIÇÃO DO HUMANO: Ressignificação da tragédia na história da civilização ocidental no período 2009**. Tese (Condição Humana na Modernidade) - Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2009.

SZONDI, Peter. Ensaio sobre o Trágico. Trad. Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

UNAMUNO, Miguel de. Do Sentimento Trágico da Vida. Tradução: John O'Kuinghttons. 1. Ed. São Paulo: Hedra, 2013.